

convergencia

ABR — 1974 — ANO VII — N.º 68



1. **PROMOVER A MULHER**, página 785
Irmã Marta Maria Braccini, ICM
2. **MATRIMÔNIO E VIDA RELIGIOSA**, página 798
D. Estêvão Bettencourt, OSB
3. **PARA O RETIRO MENSAL**, página 808
Frei Alberto Beckhäuser, OFM
4. **A VIDA RELIGIOSA**, página 815
Pe. Léon Renwart, SJ

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Dom Gerardo, 40 — 5.º andar
(ZC-05) — 20 000 — RIO DE JA-
NEIRO — GB

Assinaturas para 1974:

Brasil, taxa única (via terrestre ou aérea) .	Cr\$ 50,00
Exterior, remessa marítima	US\$ 15,00
Avulso	Cr\$ 5,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética Ltda., rua Correia Vasquez, 25
Rio de Janeiro - GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís, 100 — 25600 — Petrópolis, RJ.



SUMÁRIO

EDITORIAL	777
INFORME DA CRB	780
PROMOVER A MULHER, Irmã Marta Maria Braccini, ICM	785
MATRIMÔNIO E VIDA RELIGIOSA, DIÁLOGO ENRIQUECEDOR, Dom Estêvão Bettencourt, OSB	798
PARA O RETIRO MENSAL, Frei Alberto Beckhauser, OFM	808
A VIDA RELIGIOSA, BOLETIM BIBLIOGRÁFICO, Pe. Léon Renwart SJ	815
DOCUMENTANDO	830
LIVROS NOVOS	836



EDITORIAL

Convergência publicará neste ano uma série de artigos sobre Sacramentos e Vida Religiosa. O tema é de grande interesse teológico para nossas vidas de comunidade. Bom número de nossos co-irmãos viemos de uma era talvez exageradamente sacramentalista onde não se insistia bastante na unidade e interdependência entre efeitos do sacramento e a boa disposição em recebê-lo. Claro que o Sacramento é portador de uma graça especial; mas esta, para poder produzir frutos profundamente transformadores na vida do cristão precisa encontrar alguma disposição favorável.

Atribuía-se ao sacramento um quase efeito mágico: "precisava batizar", "precisa confessar", "precisava comungar", "precisava casar..." estas expressões nós as ouvimos inúmeras vezes, em nossas missões apostólicas, e sem dúvida as usamos. Víamos nos sacramentos um meio sobretudo para livrar o homem de seus males, perigos, pecados.

Não insistíamos com o mesmo vigor na verdadeira conversão, na necessidade profunda de mudança de vida, de sermos

aquele "homem novo" querido pelo evangelho e pelos escritos dos apóstolos.

Havíamos desligado da vida os sacramentos. Quando nossos professores de teologia nos explicavam que os sete sacramentos acompanhavam o homem, desde seu nascimento até a morte, havia uma profunda verdade, mas também uma exigência séria e permanente: que o cristão adulto que recebia a Eucaristia não podia se comportar como se fora um homem recém-batizado; que um cristão ao receber o matrimônio devia se encontrar numa fase mais adiantada de conformação com Cristo, sem falar nos religiosos e padres.

O problema se punha muitas vezes sob forma errada: "é melhor batizar crianças em massa ou não batizá-las?" Trata-se sim de batizar, de confessar, de receber a Eucaristia, com a devida preparação, conhecendo quem recebe as exigências que cada sacramento lhe faz e a nova dignidade que lhe confere. Nos movimentos de renovação pastoral que se seguiram ao Vaticano II, não raro encontramos movimentos diametralmente

opostos ao sacramentalista, como se este não tivesse nada de bom e que a partir de então bastava a pregação, um diálogo pessoal com o Senhor Deus.

Os sacramentos ficavam para os momentos em que o cristão sentisse necessidade.

Claro que é uma interpretação errônea dos textos conciliares. Sempre que colocamos as coisas em termos de oposição o resultado nunca será o melhor. A vida não é só graça nem só pecado. Nem tudo é luz e nem tudo é treva.

Creio singelamente que hoje estamos buscando um equilíbrio na pastoral sacramental. Uma exigência permanente de preparação para receber os sacramentos, junto com a fé, não menos profunda, de que os sacramentos são dons sublimes e incomparáveis, dados por Jesus Cristo aos homens.

Admiravelmente nos conhece Deus. E admiravelmente nos compreendeu Cristo Jesus.

O fato de ter exigido em termos severos nossa conversão, sustentada por prece incessante, nem por isso deixou ele de ser realista, colocando ao alcance do homem meios ímpares

de santificação, como os sacramentos. Se estas reflexões se aplicam à vida do cristão comum, mais ainda ao cristão religioso.

Nós religiosos centramos nossa vida espiritual, em grande parte, na recepção dos sacramentos. E com razão.

Talvez a nós faltou (ou falta) também a dimensão da palavra divina, que exige de nós preparação, conversão, fidelidade. Em nosso subconsciente fizemos uma dicotomia impossível: sacramento é uma coisa. Palavra de Deus, conversão, homem novo, é outra.

Esquecemos o aspecto mistérico, a comunhão de vida profundamente envolvente e comprometedor que significa um diálogo com Deus.

Também para nós religiosos há um grande trabalho a ser feito: a descoberta e revalorização da vida sacramental, fazendo uso para tanto da reflexão teológico-pastoral que nos trouxe o Concílio.

Neste número, **Dom Estêvão Beltencourt** analisa alguns aspectos de correlação entre Matrimônio e Vida

Religiosa. Percebemos logo de entrada que a antiga oposição, quase "guerra", entre matrimônio e celibato carece inteiramente de sentido. São duas formas de vida cristã, queridas por Deus, de viver o ideal evangélico. A meditação que **Frei Alberto Beckhauser** nos apresenta sobre o Mistério da Páscoa nos mostra a profunda unidade da vida cristã, em torno do Senhor.

Dentro da programação do ano, segue um artigo da **Irmã Marta Maria Bracini** sobre a promoção da mulher. Um trabalho que é fruto de reflexão de todo um grupo.

Sublinhamos ainda o **Boletim Bibliográfico**, onde o leitor encontrará uma resenha das recentes e importantes publicações sobre vida religiosa, com uma análise do conteúdo de cada livro. São obras que não deveriam faltar nas bibliotecas de casas de formação.

Pedindo que o Senhor Jesus Ressuscitado ilumine com novas esperanças nossas vidas, colocamos mais este número de **Convergência** em suas mãos, para servir.

Frei Constâncio Nogara

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

X ASSEMBLÉIA GERAL DA CRB

De 23 a 30 de julho próximo, reúne-se no Rio de Janeiro, **X Assembléia Geral da CRB**. Há quase um ano a estamos preparando, com ampla participação de muitos Religiosos e Religiosas em todo o Brasil. Uma Assembléia Geral é sempre um ponto alto e importante na vida de um organismo. Ela se reveste de características próprias e varia no seu significado de instituição a instituição.

Para a CRB, a Assembléia Geral é o órgão máximo deliberativo, constitui o corpo eleitoral que dá à CRB a sua Diretoria Nacional para um novo triênio, aprecia e avalia as eventuais alterações estatutárias, aprovando-as ou não, de acordo com as situações e objetivos, recebe a prestação de contas do que no triênio findo foi levado a efeito pela Diretoria cessante, seja no que toca à programação religiosa, seja no que respeita à situação econômica. Além disso, a Assembléia Geral fixa diretrizes básicas para as futuras programações do triênio a seguir.

Os participantes da Assembléia Geral são os representantes dos Religiosos do Brasil, na pessoa de seus Superiores Maiores, no momento, 699, em todo o país. Participam também, além

da Diretoria Nacional, os Presidentes das 14 Regionais da CRB e dois membros eleitos, em cada Regional, para representar os núcleos diocesanos.

Além dos aspectos estruturais acima indicados, as Assembléias Gerais da CRB têm proporcionado também a reflexão conjunta dos seus membros sobre um tema central de interesse comum. Para a X Assembléia foi feita uma pesquisa entre cerca de mil pessoas, incluídas várias Assembléias Regionais, a fim de se fixar o tema. Foi grande a coincidência nas respostas, permitindo configurar o tema central: **MISSÃO PROFÉTICA DO RELIGIOSO HOJE**.

Nossa preocupação foi descobrir um modo que permitisse participação efetiva do maior número de religiosos e religiosas no estudo e reflexão. Com o auxílio da Equipe Nacional de Reflexão Teológica da CRB Nacional, o tema foi dividido em 4 sub-temas: 1. Experiência de Deus, na vida religiosa. 2. Limites na atual estrutura da vida religiosa. 3. Consciência crítica do religioso. 4. Novas formas de vida religiosa. Cada um dos sub-temas foi confiado a um grupo de peritos, assessorados pela Equipe Teológica Nacional.

Por outro lado, juntamente com a convocação foi enviado a todos os participantes o elenco desta temática, de modo que eles possam se preparar com uma antecedência de quase cinco meses para ativamente colaborarem na reflexão conjunta.

Desta forma, a apresentação dos temas pelos peritos será mais um ponto de partida para um trabalho ativo de todos, extremamente válido neste momento em que vivemos situações e problemas afins nas diversas Congregações e em que tanto necessitamos do intercâmbio de idéias e experiências, mas também do mútuo apoio na esperança.

Uma nota singular: pela primeira vez a CRB se encaminha para uma Assem-

bléia que poderá ter condições de se concentrar primordialmente nos temas de Vida Religiosa. O encaminhamento doloroso mas praticamente vitorioso do problema econômico, o encerramento de toda dimensão comercial, como deixamos claro na circular de 19.3.74, enviada a todos os Superiores Maiores, poderá permitir-nos restringir o aspecto econômico aos limites normais da vida atual da Instituição. A crise foi uma grande purificação e uma inestimável experiência espiritual. O incremento religioso da CRB nestes três anos que com a crise econômica coincidiram é a outra face promissora da medalha, que aí está à vista de todos. Grande, pois, e justificada, a expectativa com relação à X Assembléia Geral da CRB.

VISITA DE DOM AGOSTINHO MAYER AO BRASIL

1. Pela primeira vez, o Secretário da Congregação dos Religiosos, Dom Agostinho Mayer, visitou o Brasil. O fato ocorreu graças ao convite que a Presidência da CLAR, Confederação Latino-Americana de Religiosos, lhe fez em outubro de 1973, para que ele participasse da reunião da Junta Diretiva da CLAR, em San José de Costa Rica (27 de janeiro a 2 de fevereiro). O convite foi aceito, não apenas para participar da reunião mas, aproveitando a viagem, visitar algumas Conferências da América Latina. Assim sendo, após o encontro de San José de Costa Rica, Dom Mayer visitou sucessivamente o Panamá, Caracas, Bogotá, Lima, Santiago, Buenos Aires. Em todos estes lugares foi hóspede da Conferência dos Religiosos. Encerrando a viagem, passou 5 dias no Brasil.

2. Encontro com a Diretoria Nacional. Procedente de Buenos Aires, chegou ao Rio de Janeiro, no dia 15 de fevereiro à tarde. Já com anterioridade, a CRB havia preparado o programa e o enviara a Dom Agostinho Mayer. Dada a importância da visita, a Diretoria Nacional se reuniu nos dias 15 e 16. Após a recepção no dia 15, houve o primeiro encontro de Dom Mayer com a Diretoria Nacional, na manhã do dia 16.

Nesta oportunidade, com a presença completa da Diretoria e do Executivo Nacionais, o Presidente e o Secretário da CRB fizeram, ao ilustre visitante, uma exposição panorâmica da situação sócio-política do Brasil, bem como as coordenadas da situação eclesial e da vida religiosa e da

CRB. Aqui sublinhamos primordialmente os projetos de maior realce que a Conferência realizou e está realizando, nos setores de **reflexão, formação e comunicação**. Após a exposição, seguiu-se uma breve exposição de Dom Mayer sobre a importância da vida religiosa. Neste momento, 10,30 hs, chegou Dom Cármine Rocco, Núncio Apostólico, trazendo sua saudação ao visitante.

O diálogo foi fraterno e leal desde o começo. A Diretoria Nacional havia preparado uma série de perguntas por escrito, entregues na ocasião a Dom Mayer. As perguntas abordavam problemas básicos de renovação da vida religiosa, função da Conferência, autoridade-obediência, o papel da Sagrada Congregação em seu relacionamento com as Congregações Religiosas. Não foi possível responder a todas as perguntas porque no final da manhã houve celebração na sala de reunião, presidida por Dom Mayer e, em seguida, almoço, oferecido pelo Mosteiro São Bento, onde o visitante estava hospedado.

3. Belo Horizonte. Às 15,30 hs, acompanhado pelo Secretário Executivo e Secretária Adjunta da CRB e mais seu secretário particular, Pe. José Abel Salazar, seguiu para Belo Horizonte. No aeroporto esperavam-no a Diretoria e o Executivo Regionais e outros religiosos. Após rápida visita à sede da CRB, seguiu para o Mosteiro de Nossa Senhora das Graças, onde ficou hospedado.

Encontravam-se neste momento no Mosteiro mais de 60 religiosas contemplativas, num encontro nacional. Estavam representados mosteiros do Norte, Nordeste, Centro e Sul, buscando um aprofundamento do sentido da vida contemplativa para o mundo de hoje.

Às 19,30 hs, Dom Mayer encontrou-se com elas, falando-lhes sobre a importância da vida religiosa, insistindo particularmente na vida de oração e fraternidade. Antes, porém, as religiosas representantes de diferentes mosteiros, apresentaram um relato sobre o valor de encontros como este, onde as contemplativas, em clima de oração e recolhimento, buscavam auxiliar-se mutuamente.

Os relatos impressionaram positivamente o visitante. No final da exposição de Dom Mayer houve ocasião para perguntas da parte do plenário. Na manhã seguinte, dia 17, celebrou a Eucaristia para as participantes e em seguida fez uma visita às dependências do mosteiro. Mostrou-se bem impressionado com a austeridade, o espírito de oração e a numerosa biblioteca. Às 9,00 hs, falou aos formadores, formadoras, superiores maiores, formandos e formandas. Antes da exposição, a Regional fez-lhe um relato sobre o noviciado e o juniorato intercongregacionais: metodologia, participantes, conteúdo. Seguiu-se uma informação detalhada sobre a missão "Vale do Jequitinhonha". Trata-se de uma missão que a CRB-Belo Horizonte realiza todos os anos a esta região mais desprovida e pobre do Estado. Durante meses há uma preparação dos participantes da missão: religiosos, religiosas, sacerdotes, leigos. A missão dura um mês, com avaliação e acompanhamento no final.

Concluída a informação, Dom Mayer falou durante uma hora sobre a vida religiosa e formação. Referiu-se de modo elogioso aos trabalhos dos religiosos da Regional e ao juniorato intercongregacional. No diálogo que se se-

guiu à exposição, respondeu a várias perguntas dos formadores e dos jovens formandos. Tudo correu em clima de espontaneidade e otimismo por parte do visitante.

Após o almoço com o Senhor Arcebispo, seguiu para o aeroporto com destino a Brasília. Antes, porém, visitou os lugares mais pitorescos da cidade, numa bela tarde de domingo.

4. Em Brasília foi hóspede da nunciatura. Houve apenas uma celebração eucarística à noite da chegada onde dirigiu a palavra a um grupo de 130 religiosos presentes.

5. Dia 18, às 9 horas, seguiu para **São Paulo**, onde chegou às 10,30 hs, sendo recebido no aeroporto pela Diretoria Regional da CRB e outros religiosos. Passou a tarde visitando várias comunidades do setor sul da cidade. Houve um breve encontro com religiosos-párocos. Ao expressarem seu pensamento sobre vida religiosa foram bem negativos, o que impressionou muito a Dom Mayer. Antes de retornar ao Rio, às 18 horas, fez uma visita ao Cardeal Dom Paulo Evaristo. Na ocasião insistiu D. Paulo que, para uma possível boa renovação da vida religiosa contemplativa, torna-se urgente uma melhor preparação cultural e teológica destas comunidades. Dom Mayer concordou.

6. Rio. No dia 19 houve uma visita ao Cardeal Dom Eugênio e à CNBB. Às 10 horas realizou um segundo encontro com a Diretoria Nacional, na CRB. O Núncio Apostólico estava também presente. Uma vez mais o diálogo foi respeitoso, franco e esclarecedor. Dom Mayer respondeu dentro da brevidade do tempo a uma série de per-

guntas que a Diretoria elaborou em sua reunião anterior.

No fim da tarde visitou, na região suburbana do Rio, várias comunidades religiosas que vivem em conjuntos habitacionais. Teve uma excelente impressão do trabalho e do espírito religioso que animam estas comunidades. Às 19,30 horas falou a um grupo de 200 religiosos e religiosas, no Cenáculo. Voltou a sublinhar o valor e a atualidade da Vida Religiosa.

O dia 20 foi descanso. À noite, membros da Diretoria e do Executivo Nacionais e da Regional da CRB e acompanharam até o Galeão, embarcando diretamente para Roma.

Apreciação final

O fato de o Secretário da Sagrada Congregação dos Religiosos ter visitado a América Latina e, particularmente o Brasil, parece-nos extraordinariamente positivo, pois permitiu que ele visse a realidade, as dificuldades, os aspectos positivos e negativos que envolvem a vida religiosa.

A visita permitiu que ele sentisse o imenso trabalho que religiosos e religiosas fazem em bem da Igreja e, sobretudo, pelos mais pobres.

Foi uma boa oportunidade para que a Sagrada Congregação apalpassem mais de perto os problemas de um país em desenvolvimento e também as imensas esperanças que a vida religiosa representa para o povo de Deus.

A visita deu ensejo à Diretoria Nacional de expressar em diálogo franco, uma série de perguntas, sobre aspectos importantes da vida religiosa e ouvir como a Sagrada Congregação pensa.

Serviu sobretudo para estreitar os laços de amizade e compreensão entre as pessoas que trabalham para o mesmo fim, ou seja, a promoção da vida religiosa.

A este primeiro grande passo, de um novo tipo de relacionamento, entre a Sagrada Congregação dos Religiosos e Conferências de Religiosos, desejamos que outros passos sejam dados na mesma direção.

PASTORAL VOCACIONAL

O Departamento do CELAM, Conferência Episcopal Latino-Americana, Vocações e Ministérios, promoveu um Encontro de Pastoral Vocacional, de 10 a 16 de março, em San Miguel, na província argentina de Buenos Aires. A Irmã Jeanne Marie Tierny, OSU, responsável pelo Setor Vocacional da CNBB e CRB, seção Vida Religiosa, participou do encontro.

O objetivo geral do Seminário era assessorar os participantes a fundamentar sua ação pastoral num melhor conhecimento da realidade e preparar o II Congresso Latino-Americano de Pastoral Vocacional. Foi uma última oportunidade para um intercâmbio de experiências vocacionais entre os cinco países do extremo sul: Brasil, Chile, Uruguai, Paraguai, Argentina.

A dinâmica foi coordenada com discrição e eficiência pelo padre Diego Restrepo, Secretário Executivo do Departamento Vocações e Ministérios do CELAM. O clima de simplicidade e de fé tinha sua manifestação máxima nas celebrações eucarísticas.

ATENÇÃO:

Já saiu

a quinta edição de

VIDA SEGUNDO

O ESPIRITO

NAS COMUNIDADES

RELIGIOSAS

DA AMÉRICA LATINA

Coleção Vida Religiosa

Volume N.º 9

Adquira seu exemplar

na sua Regional da CRB

ou na CRB Nacional.

Este livro precisa estar

sempre ao alcance da mão.

O aprofundamento teológico-pastoral foi baseado tanto nas conclusões do Congresso de Lima (Juventude, opção vocacional) como nas conclusões do Congresso de Roma em novembro de 1973. Uma dinâmica envolvente levou os participantes a tomar melhor conhecimento dos condicionamentos sócio-políticos e eclesiais da Pastoral vocacional nos respectivos países. Tentamos exercícios práticos de planificação sobre os seguintes assuntos: a) Centro Nacional de Pastoral Vocacional. b) Centro Diocesano. c) Seminários e Pastoral Vocacional. d) Pastoral dos ministérios.

Esta reflexão é
contribuição do Grupo
de Estudos de Porto
Alegre, para o Seminário
sobre O Papel da Mulher
na Sociedade e na Igreja,
realizado pela CRB, em 1973.

PROMOVER A MULHER

IRMÃ MARTA MARIA BRACCINI

1. Introdução

A justificativa de nossas reflexões se apóia nos três eixos centrais:

- Estudar a posição da mulher na Igreja e na Sociedade responde a uma grande aspiração do mundo de hoje.
- O processo de libertação da mulher é a preocupação geral em vastas áreas humanas.
- O acontecimento histórico do Vaticano constituir uma Comissão Pontifícia de estudos sobre a condição da mulher na Sociedade e na Igreja, com maioria de 15 mulheres sobre um total de 26 membros.

Nosso estudo está centrado na realidade brasileira. Servimo-nos da contribuição de pesquisadores e estudiosos também de outros países. Assim, nosso trabalho foi o resultado de levantamento de dados concretos, observações, entrevistas, bem como pesquisas bibliográficas, e teve o seguinte encaminhamento:

- Grupo de elaboração inicial (pesquisas e estudos).
- Grupo de reflexão e questionamentos.
- Apresentação do parecer em grupos menores.
- Reelaboração e síntese final.

2. As conquistas das ciências humanas para a compreensão da mulher

As modernas pesquisas de historiadores, psicólogos, sociólogos e antropólogos alargaram, aprofundaram e mesmo modificaram a compreensão do ser-mulher. Sintetizamos algumas conclusões a que chegaram os pensadores das ciências humanas:

A constituição orgânica exerce influência sobre o psicológico, mas é preciso discernir e elucidar o que é devido àquela influência e o que é consequência de fatores culturais, sociais, ideológicos, tradicionais etc. Conduzir, portanto, a compreensão do ser-mulher para um contexto mais amplo.

Segundo os estudiosos das ciências humanas, é preciso moderar a oposição entre os sexos e reconhecer as diferenças pessoais. É preciso levar em conta a "grande plasticidade do ser humano e a influência decisiva do meio" (Buytendijk, **La Femme**).

Alguns pesquisadores exprimem opiniões mais radicais:

"As características psicológicas, tidas como próprias da essência do feminino, são devidas às imposições sociais criadas pelo elemento masculino" (Mathilde e Mathias Vaeting).

"O estudo de diferentes culturas, em tribos primitivas, mostra que a associação dos traços psicológicos com o sexo produziu-se de forma accidental e não se baseia nos fatos **constitucionais** (M. Mead).

Por fim, a filosofia e também a Teologia atribuem caráter metafísico a particularidades do "feminino" que, em verdade, apresentam apenas implicâncias culturais e ideológicas.

3. A história, em geral

Na antiguidade

Escrava, ser incompleto, tratada como coisa. Filósofos, gregos e sábios chineses, bem como os hindus consideravam as mulheres, seres inferiores. O nascimento da mulher era motivo de tristeza. O homem tinha o direito de livre escolha. Os pais decidiam o casamento das filhas.

Na Idade Média

Santo Tomás coloca a mulher abaixo da escravidão. Para ele, o homem e não a mulher foi feito à imagem e semelhança de Deus. Na Sociedade Patriarcal, a mulher é apenas um acréscimo do homem, necessária para os trabalhos domésticos e uso sexual. No Ocidente as mulheres são mais delicadas e mais intuitivas, mas totalmente submissas ao homem.

Na Idade Moderna

Há uma modificação profunda. A beleza é cultivada, mas a mulher continua dependente. No Código Napoleônico, a mulher deverá ser vigiada. Trabalhava mais que o homem para ganhar menos; fecha-

da a sete chaves. Para Rousseau, a mulher era instrumento, submissa ao homem; é teórico em educação da mulher. Mulheres solicitadas para as fábricas depois da guerra de 1789. Na França, em 1880, foi criado o ensino secundário, específico para as mulheres.

Situação atual

O primeiro campo da conquista da mulher, foi o do ensino. Em 1925, este se igualou ao masculino. Primeiras mulheres formadas em 1920, na Universidade de Oxford. Há um crescimento cultural da mulher. Posição, encargos, cargos, emancipação da mulher.

Existe ainda no mundo atual uma influente presença da mulher. Nossa sociedade é ainda uma sociedade muito masculina ou masculinizada, onde o homem quase exclusivamente domina. Porém, se constata hoje, que a mulher já não faz sua vida pela imitação às mães

ou às avós. Usam de mais liberdade, saem, têm originalidade, profissionalizadas.

Não foi a nossa época que estabeleceu a igualdade de pessoas, mas foi a nossa época que a proclamou e a institucionalizou. Hoje, é cidadã inteira. É em nossa época que foi abolida a eterna menor. Não se fala em subordinação, mas em colaboração. Antes, a mulher estava colocada a serviço do povoamento (Cf. Bíblia) da terra; assim, a posição e a educação dela se baseavam nisso.

Batalha das mulheres pelos movimentos feministas — direito ao voto, profissionalização. Antes, um campo profissional restrito, só no lar; hoje, são vastos os campos profissionais: “Foi o problema do pão que criou o feminismo” (Sertillanges). As necessidades domésticas, as exigências fazem a mulher sair do lar.

4. A mulher nos documentos da Igreja

O espírito que dominara o Vaticano II começa a se delinear com a nitidez desde a Encíclica “Pacem in Terris”, do Papa João XXIII.

Em 1962, o Papa ressalta a necessidade de as mulheres católicas tomarem consciência de seus deveres que não se limitam, como antigamente, ao círculo estreito da família. Tais deveres, pelo contrário, se estendem ao próprio campo social. Requerem e postulam da parte das mulheres católicas uma atuação sempre mais efetiva e cor-

responsável na construção da sociedade atual. À mulher, do mesmo modo como ao homem, incumbe a grave obrigação de colaborar para o progresso e aperfeiçoamento da comunidade humana.

Com estas palavras papais, delineia-se um futuro de riquezas e promessas que modificam a imagem costumeira da mulher no seio da cristandade católica. Não são idéias ocasionais de um Papa, porém, encerram um vasto programa, válido também para a religiosa,

pois também a religiosa é mulher. A religiosa colabora e mesmo é chamada a colaborar de modo ativo na Santa Igreja e na construção do Povo de Deus.

Vemos na Constituição Dogmática "Lumen Gentium" a Igreja como Povo de Deus. O homem e a mulher são mencionados como elementos que possuem direitos e deveres iguais, e que gozam da mesma dignidade.

Diz-nos a "Gaudium et Spes": "As mulheres reinvidiquem, onde ainda não o conseguiram, sua paridade de direitos e de fato com os homens (N.º 9)..." de modo algum despreze a promoção da mulher (n.º 25) que visa concretizar o direito de todos à civilização humana sem discriminação de sexo ou condição social. A educação ou formação dos jovens de hoje deve ser organizada de tal maneira, que surjam, homens e mulheres não somente cultos, mas também personalidades fortes, como exigem nossos tempos. E porque se estão estabelecendo novas relações entre homens e mulheres, as mulheres começam a trabalhar em todos os setores da vida, será conveniente que as mulheres assumam plenamente, de acordo com o dever de todos de reconhecer e promover a participação específica e necessária das mulheres na vida atual. O homem é feito para a comunhão (GS 12.60). Direito de todos em benefício da cultura. Dever de cultivar a si e aos outros.

Que o trabalho não impeça a promoção humana. É conveniente que possa assumir a própria índole o papel que lhe toca e lhe cabe. É dever de todos reconhecer e promover a participação específica da mulher na vida cultural (Alocução de João XXIII, 7.12.1960: A mulher no lar e no trabalho e Alocução de Pio XII, 14.10.1956: Ao Centro Feminino Internacional de Ação Católica).

"Falar da mulher no Concílio é falar da mulher na Igreja, é tomar consciência da vocação e da missão da mulher no plano de Deus; é falar da posição e do papel específico da mulher na História da Salvação" (Baraúna — A Igreja no mundo de hoje, pág. 419).

Lendo a Lumen Gentium, constatamos como a Igreja se apresenta Mãe e Mestra, uma Igreja consciente de sua vocação e missão de gerar o universo e a humanidade para Deus; uma Igreja que tem a força, sua riqueza, não no poder temporal ou no domínio físico, mas sim na sua presença espiritual, interior, na sua vida e na vida que traz; encontramos uma Igreja que tem consciência de sua missão de conduzir a humanidade toda, para que junto cresça para a unidade, não segundo a carne, mas no Espírito, formando o Povo de Deus. Então, não estará aqui a vocação da mulher? Não estará ela, na medida em que for perfeitamente coerente com sua vocação de mulher, sendo um Sinal na Igreja?

5. A mulher no plano de salvação

Visão bíblica da mulher

O lugar que tinha a mulher junto aos judeus, era inferior àquela que lhe era dada habitualmente no mundo Oriental antigo. O lugar era determinado pela fé de Israel em Deus Criador. Entretanto, a vinda de Cristo, pois, se, conforme a ordem de criação, a mulher se realiza, tornando-se esposa e mãe, ela pode também realizar-se na ordem da nova criação pela virgindade.

Na História da Salvação, o sexo é um dom fundamental da natureza humana. Gên 1, 27: Não é bom que o homem fique só. Tem a mesma natureza do que ele. O plano divino é dar-lhe alguém face a face (Gên 2, 18).

Adão se reconhece nela. No plano da criação, a mulher completa o homem, fazendo-o seu esposo. Adão, Homem, Eva, Mãe dos viventes. Esta revelação devia permanecer, mas o pecado a desnaturou. Quem perturbou a igualdade foi o pecado. A maneira de narrar o pecado seguirá a mentalidade da época do autor sagrado. O pecado gerou para a morte, mas sabe que triunfa da morte, assegurando a perenidade da vida.

Ao longo da história da aliança, algumas mulheres desempenharam papel importante, tanto para o bem como para o mal. As mulheres estrangeiras desviam o coração de Salomão para os falsos deuses (1 Rs 11, 1ss).

Em Miriam (Êx 15, 20ss); Débora e Jael (Jz 4, 4-5. 14); Hulda

(1 Rs 2, 14-20), o Espírito do Senhor Yavé se derrama, transformando-as assim como aos homens em profetisas, mostrando que seu sexo não é obstáculo à irrupção do Espírito. A mulher virtuosa (poema alfabético porque seguia as letras hebraicas — Prov 31, 10-31).

A severidade do homem em relação à mulher

Os textos, se nem sempre são lisonjeiros, mas de nenhum modo se pode deduzir desprezo pela mulher. O homem descreve assim seu sonho: "Encontrar uma mulher é encontrar a felicidade" (Prov 18, 22). É ter um apoio sólido, um claustro sobre seu domínio, um ninho contra o apelo do erro (Ecli 26, 16124). É encontrar mais do que a força masculina, que o torna ativo, a graça personificada.

A mulher, quando insolente, é como a cárie nos ossos do homem, mas a mulher virtuosa é como a coroa de seu marido (Prov 12, 4). Mas a beleza não lhe basta. Não se pode limitar contudo, a esse quadro de costumes o entendimento que os sábios tinham da mulher; esta com efeito é uma figura da sabedoria divina (Prov 8, 22-31). Ela manifesta em seguida a força de Deus que se serve dos fracos instrumentos para procurar a sua glória. Já Ana engrandecia o Senhor dos humildes (1 Sam 2 — Cântico de Ana).

Judith mostra como uma profetisa em realização pode contar com a proteção de Deus; sua bele-

za, sua prudência, sua habilidade, sua coragem e sua castidade, na viuvez, fazem dela um tipo perfeito de mulher, segundo desígnios de Deus no Antigo Testamento.

Novo Testamento:

Virgem — Esposa — Mãe

Por mais belo que seja o retrato da mulher no Antigo Testamento, este não lhe confere sua dignidade soberana.

Até hoje os judeus rezam com ingenuidade: "Bendito sejas tu nosso Deus, pelo fato de que não me fizeste nem gentio, nem mulher, nem ignorante". (Dicionário de Teologia Bíblica, p. 338). Enquanto a mulher judia se resigna a dizer: "Louvado sejas tu, Senhor, que me criaste segundo a tua vontade".

A saudação jubilosa de Isabel e o cântico de Maria inaugurou uma nova era para a mulher.

A figura feminina de maior relevo na história e que é o modelo definitivo de toda missão feminina, é Maria. Ela é a única criatura que viveu em plenitude e integrou harmonicamente a missão de virgem, esposa e mãe.

A vocação da mulher, que é de restaurar a imagem eterna, completa-se na própria Maria, na medida em que Maria representa a criatura. De diversas formas a mulher aparece nos Evangelhos. Nos Atos dos Apóstolos surge com frequência e vigor o papel feminino.

Só Cristo consagra efetivamente a dignidade da mulher.

a) Aurora da Redenção

Esta consagração teve lugar no dia da Anunciação. O Senhor quis nascer de uma mulher: Maria, Virgem e Mãe. Realiza nela o voto feminino da fecundidade. Ao mesmo tempo, revela e consagra o desejo até então oculto ou rechaçado da virgindade, assimilada a uma vergonhosa esterilidade.

Em Maria se encarna o sentido da mulher (daí a verdadeira devoção mariana), pois ela deu nascimento ao príncipe da vida. Mas enquanto a mulher desta terra arrisca limitar sua admiração à vida corporal, ela deu o mais belo filho aos homens, Jesus. Revelou que há uma maternidade espiritual, fruto trazido pela virgindade da fé (Lc 11, 27-28). Através de Maria, a mulher pode se tornar símbolo da alma crente, da alma que crê. Compreende-se desde logo que Jesus aceita deixar-se seguir pelas mulheres (Lc 8, 1ss). De tomar como modelo as virgens fiéis (Mt 25, 1-13), ou de confiar às mulheres uma missão (Jo 20, 17). Compreende-se que a Igreja nascente assinala um lugar e o papel desempenhado por numerosas mulheres (At 1, 14. 9. 36-41. 12-16). Desde já as mulheres são chamadas a colaborar na obra da Igreja.

b) No Cristo Jesus

Esta participação supõe que seja descoberta uma dimensão nova da mulher — a virgindade.

Paulo elaborou assim uma teologia da mulher, mostrando em que sentido a divisão dos sexos é su-

perada e consagrada. "Não há nem homem e nem mulher, vós todos sois um no Cristo Jesus" (Gál 3, 28). Em certo sentido a distinção dos sexos é abolida assim como as divisões de ordem social.

A existência celeste pode ser antecipada, esta vida angélica de que fala Cristo (Mt 22, 30). São Paulo exalta o carisma da Virgindade (1 Cor 7, 9); ele ousa contradizer o Gênesis que diz: "Não é bom que o homem fique só" (Gên 2, 18). A fé e a vida celeste encontram na virgindade vivida um tipo concreto da existência onde a alma se prende sem divisão a seu Senhor (1 Cor 7, 34-35): Enfim, a relação natural, homem — mulher, é fundada sobre a relação Cristo — Igreja.

c) A mulher nos Atos dos Apóstolos

Pela fé, a divisão dos sexos, embora abolida, se impõe na vida concreta da Igreja. (Ef 5, 22ss). Da ordem que existe na criação, Paulo deduz dois dos comportamentos da mulher: — A mulher deve trazer um véu na assembléia do culto que sua dignidade cristã não a libertou de sua dependência em relação a seu marido, (1 Cor 11, 2-16) nem do segundo lugar que ela ocupa no ensino oficial, ela não deve falar na Igreja, isto é, não pode ensinar (1 Cor 14 34) (1 Tim 2, 12); mas Paulo não nega à mulher a possibilidade de profetizar (1 Cor 11, 5), porque como no AT, o espírito não conhece a distinção dos sexos. Enfim, o Apocalipse engrandece a mulher coroada de estrelas.

Esta mulher, primeiramente, é a Igreja, nova Eva que dá nascimento ao Corpo de Cristo. A seguir, a própria Maria: pode-se ver também nela o protótipo da mulher, daquela que cada mulher deseja ser em seu coração.

6. Constatações

1. Posição da mulher no Brasil.

Várias aspirações das mulheres brasileiras se realizaram até 1934: direito ao voto, a cargos sociais e políticos, a salários iguais por trabalho iguais, a licença-maternidade.

Em nossa época, a mulher passou a realizar ou a intensificar atividade em campos anteriormente ligados só ao homem: magistério, fábricas, profissões liberais, artes, ciências, política, etc.

A mulher, saindo do lar para trabalhar, começou a ser economicamente independente; tem mais chance de estudar e de melhorar o seu nível cultural, assumir cargos, concorrer lado a lado com os homens nas posições eletivas e executivas.

Na classe pobre, um bom número de mulheres contribui para a manutenção do lar. Na classe média, as mulheres trabalham não só por fins econômicos, mas integrando a profissão, como realização pessoal e social. A maioria das mulheres da classe rica é alienada à realidade nacional.

Seguindo a possibilidade e a efetivação de realização econômico-profissional, a mulher aspira à li-

bertação sexual, ou seja, pretende não mais ser o objeto de satisfação sexual do homem. Há perspectivas esperançosas nesse sentido.

Constata-se que aos poucos, se evolui para um novo período histórico, em que homem e mulher começam a compreender que ambos são iguais em valores essenciais, ambos pessoas que possuem a mesma dignidade. Isso é o que se pensa estar atingindo, após várias tentativas de conscientização, que procuram superar a discriminação baseada em diferença de sexo, buscando causas mais profundas.

Por outro lado, a superioridade masculina começa com as melhores condições de acesso a trabalhos com melhor remuneração. Ainda predomina a idéia de que o homem produz mais e melhor que a mulher, que possui maior capacidade intelectual que esta. A mulher aceita passivamente esta convenção, a tal ponto que todo o seu mecanismo produtivo se condiciona a um rendimento inferior ao do homem.

Casos ocorrem atualmente, em assembleias participadas por homens e mulheres, em que se salienta o elemento masculino. O elemento feminino, embora inconscientemente, se marginaliza, desvalorizando sua participação ativa nos depoimentos.

A idéia de "pater-famílias" ainda hoje nos lares onde a palavra do pai tem maior autoridade, comprovada na expressão da mãe: "Espera, quando o teu pai chegar. Vai acertar as contas contigo"

A família burguesa está em transformação e surge uma nova, mais livre, mais espontânea, sem ligações neuróticas provocadas pelas coações e restrições inadequadas. A estatística mostra que em 1961 houve 446 mil casamentos e, em 1968, 299 mil. A população aumentou, de 80 para 90 milhões. Esses dados revelam a transformação da família: aumento de nascimentos com diminuição de casamentos são aspectos que demonstra a libertação sexual da mulher.

Verifica-se, com freqüência, um complexo de machismo que vem à tona em filmes, em obras literárias, em preocupações de que os filhos tenham experiências prematuras e provem sua masculinidade em conquistas sexuais. Nas propagandas e meios publicitários, a imagem ideal do homem junto à mulher é a de ser um bom "conquistador" da mesma. Cedo se começa a inculcar, nas crianças, falsas idéias do machismo com expressões tais: "Não faça isso, você é homem! Mostre que é homem. Homem não chora. Não seja maricas!"

As estruturas da nossa sociedade são marcadamente masculinas e condicionam a emancipação da mulher. Para nelas se integrar é necessário que a mulher se enquadre dentro de tais estruturas perdendo assim sua feminilidade.

Querer participar, saber participar, ser reconhecida como ser humano, é também aspiração na área sexual. Contudo, fatores que, de longa data, determinam a mentalidade masculina, tendem a cercar ou limitar as aspirações da mulher

nessa área: o homem brasileiro, em geral, prefere a esposa dócil, tímida, pura, na cópula; e a amante voluptuosa, excitante, na relação extramatrimonial. A relação sexual seria no Brasil o último reduto da supremacia masculina.

2. Na Igreja do Brasil

Em nosso meio cristão continua uma forte influência da cultura medieval. Por isso a mulher, em geral, é considerada como ser moralmente frágil, sendo chamada a seguir uma moral e uma ascética de cunho masculino. Há falta de consciência cristã coletiva no sentido de que a mulher é também chamada à imagem de Deus, à perfeição de pessoa humana, convocada à construção de uma nova Igreja.

Tabus e idéias negativas quanto ao ato sexual e que originam atitudes desastrosas no matrimônio, afetando o ajustamento conjugal são, em geral, consequência do culto exagerado da virgindade proclamada pela Igreja que apontou o sexo como "coisa feia".

Verifica-se maior afluxo do elemento feminino à Igreja como que à procura de uma compensação pela carência em outros aspectos, como à procura de uma mística que substitua o falido amor conjugal.

Em nosso país, a mulher é ainda objeto da sociedade. Necessita, por isso, passar primeiro pelo estágio de identificação do seu "ser mulher" (globalmente tomada) para tomar consciência e viver a plenitude das palavras de São Paulo (Gál 3, 28).

Os movimentos feministas brasileiros, até hoje, não foram assumidos e analisados, em profundidade, pela Igreja; apenas constatados e apontados em seus aspectos negativos. Não foram tidos como sinais dos tempos, como apelo de Deus para uma arrancada à humanização e cristianização.

O fato é que também o mundo eclesiástico brasileiro ainda não recebeu e aceitou, em termos existenciais, o princípio de igual dignidade entre o homem e a mulher, proclamada por Cristo: "Vós sois todos irmãos" (Mt 23, 8).

Embora com sérias dificuldades, atualmente, abrem-se novos caminhos que conduzem a mulher brasileira a um compromisso de maior significado em todos os campos da vida da Igreja. Talvez a Igreja no sentido de hierarquia, ainda não tenha percebido até onde poderão chegar esses movimentos feministas, e até que ponto trarão elementos de fundamental importância para o surgimento de uma Igreja mais humana, mais comunhão de pessoas entre si e com Deus.

No Brasil, a mulher é convocada a exercer tarefas e funções muito mais na linha de execução do que de decisão, como, por exemplo, na catequese, tarefas litúrgicas. Porém, nas assembléias de decisão, como os Sínodos Diocesanos, Arquidiocesanos, Planejamentos Regionais, elas desempenham função praticamente passiva.

3. Na Vida Religiosa

Os Institutos e Congregações femininas surgem todos sob a orien-

tação de um bispo ou sacerdote, o que marca as religiosas ou filiadas como costumes tipicamente masculinos, provando mais uma vez a superioridade do homem também na Igreja. Grande parte da espiritualidade feminina, nos conventos, é orientada por homens: retiros, palestras, cursos, etc.

As formas de Vida Religiosa importadas da Europa colaboraram para que se efetuasse a "introjeção" daquele tipo de religiosa, sem maior preocupação de um cultivo da feminilidade, prejudicando seu crescimento como mulher cristã, dentro de um contexto específico de realidade brasileira, enquanto certas Congregações brasileiras, fundadas por autoridades eclesásticas, mantêm dependência um tanto paternalista.

Portanto, em muitos aspectos, a religiosa está condicionada, ora por fatores em linha de organicidade, ora por certa espiritualidade por demais clericalizada, oriunda de influências teológicas medievais, mui-

to pouco femininas, ora por tabus e mitos referentes ao sexo.

A partir de 1963, as Religiosas começaram a substituir os Padres em paróquias carentes. Nos novos ministérios são promovidas a Ministras Extraordinárias da Eucaristia e do Batismo. Assumem tarefas de coordenação, em especial, tarefas concernentes à Vida Religiosa. Uma mulher brasileira está representando a América Latina na Comissão Pontifícia de estudos sobre a condição da mulher na Sociedade e na Igreja.

Contudo, percebe-se a caminhada que vem realizando em termos de conscientização das religiosas. Vencem barreiras que impedem seu crescimento adulto em CRISTO, mediante uma fidelidade aos compromissos assumidos como **consagrada** a Deus e a serviço dos irmãos. Hoje pode-se dizer que a religiosa busca a sua identidade na Igreja do Brasil e se liberta sempre mais, de condicionamentos despersonalizantes.

IV Reflexões e questionamentos sobre o estudo realizado

O assunto em pauta é muito complexo. Em primeiro lugar, pela sua própria natureza. Em segundo lugar, porque as opiniões são as mais desencontradas possíveis.

Os movimentos feministas, de emancipação da mulher, foram mal colocados desde o princípio. Pecaram pela base. No afã de defender a mulher e promovê-la, esqueceram o que de fato é promoção da mulher. Puseram em questão a pró-

pria natureza de ser da mulher, ao invés de pôr em questão as formas sociais vigentes que não proporcionam condições para a realização social e pessoal da mulher.

Esclareçamos este ponto.

Quando os movimentos emancipacionistas afirmam que a mulher tem os mesmos direitos que o homem, que a mulher pode e deve fazer a mesma coisa que o homem

faz (em termos), que a mulher pode trabalhar fora de casa etc., estão com isto pondo em questão o modo de ser da mulher. Cogitam de formas sociais que existem atualmente, elaboradas e estruturadas em moldes masculinos, como se estas estruturas fossem certas e perfeitas, e lamentam a impossibilidade de a mulher delas participar.

Acontece que se querem que a mulher entre na mesma estrutura do homem (dos tipos sociais vigentes, que são masculinos), estão com isso pedindo e exigindo a masculinização da mulher. Colocam os valores masculinos como os certinhos e os únicos válidos. "A mulher deve se adaptar a eles sempre..." Aí está o erro basilar. Ao querer defender um tipo de mulher para os padrões sociais em vigor, terminam por desnaturar a mulher e, em consequência, tais movimentos de emancipação são, no fundo, tremendamente anti-feministas. Vão contra a mulher. Querem uma mulher masculina, para uma sociedade masculina.

Em realidade, não é a natureza da mulher a ser posta em discussão, e, sim, a própria sociedade que, incompleta como está (porque é masculina), não dá chance de a mulher se realizar e se encontrar sem perder seu modo de ser. Consequentemente, é normal a mulher não se sentir realizada hoje. Não há chances para ela. Não há formas sociais femininas criadas na maioria dos setores (profissional, moral, religioso, etc.).

Para que alguma mulher vença numa profissão, por exemplo, deve se masculinizar, já que os tipos pro-

fissionais eficientes, consagrados, são de moldes masculinos. O problema encontra solução no instante em que houver mais criatividade, mais inventividade. É preciso inventar formas femininas de realização de tarefas humanas. Todas as tarefas humanas devem ser realizadas de modo masculino e de modo feminino, sob pena de termos um mundo não humano, porque humano, completo, só masculino e feminino. O deficit está na realização de tarefas humanas de modo feminino. Isto está por se descobrir e inventar.

Por isso temos um mundo tão agressivo, tão inumano, tão dominado pela tecnocracia, sem "coração". É que falta a presença feminina. Falta o modo feminino em quase todos os setores.

O papel da mulher na sociedade, portanto, é o de ser MULHER. Realizar as tarefas humanas sem desvirtuar sua natureza, criando padrões próprios. Nenhum dos campos da sociedade será completo e humanamente realizado sem a presença feminina, da mulher como mulher.

A Igreja está incompleta. Há insignificante presença feminina. Por isso que a mentalidade é esta: quem vai à Igreja, ou melhor, a Igreja é para mulheres e velhos. Homem — só no altar. Não há formas masculinas de fiéis nem formas hierárquicas de mulheres.

Se na política há lugar para mulheres (cargos de comando até — Indira, Golda Meir, etc.) por que não na Igreja?

Se historicamente a hierarquia era um assunto de homens, e Cristo mesmo assim procedeu, foi por respeito às formas culturais vigentes, já que Deus se encarnou num lugar, num espaço e numa determinada cultura que era masculina.

Mas como fazer? É o problema. É preciso criar, inventar, descobrir, experimentar. É difícil. É mais cômodo manter-se assim. É fácil criticar experiências que não dão certo. Mas aprender suas lições, ter coragem de enfrentar as críticas é difícil.

Uma coisa é certa: a Igreja será muito mais Igreja se formas masculinas e femininas estiverem presentes na realização do serviço ao Povo de Deus.

Na Vida Religiosa: quem sabe se o papel da Religiosa, no momento histórico, não seria "feminilizar" pouco a Igreja, isto é, realizar as formas femininas inexistentes na Igreja? Talvez houvesse maior presença de homens às Igrejas.

Só haverá Vida Religiosa para a mulher, se ela conservar suas características femininas. A semelhança da Religiosa com o "solteirismo", em muitos aspectos, é proveniente disto: regras, estruturas, cristianismo, serviços diversos realizados em bases masculinas.

Mais por imitação que por qualquer outra coisa. É interessante a preocupação de certas ordens religiosas femininas se mirarem em outra ordem religiosa masculina. Aliás, há quase sempre a correspondência. Exemplo: franciscanos e franciscanas; palotinos e palotinas; carmelitas e carmelitas. Talvez a

inspiração feminina não tenha chegado às últimas consequências.

A libertação da mulher tem que assegurar a libertação dos outros, e para alcançá-la é necessária uma sincera auto-análise, um exame de atitudes frente ao outro, em casa e no trabalho, na pátria e fora dela.

De nada adianta haver mães orgulhosas por causa dos filhos condecorados, por terem matado os filhos de outras mães, em terras estrangeiras. O preço da liberdade é muito alto e não é obtido sem perder algo. Assim será com as mulheres.

Ao assumir o seu papel na sociedade, a mulher tem que ser autêntica, respeitar a própria natureza e identidade. Por natureza, homens e mulheres se completam um ao outro. Virtudes e qualidades espirituais não é só para um dos sexos. Há um número de problemas no mundo que estão esperando uma solução, e esta deve vir de ambos, homem e mulher.

7. Sugestões

1.^a) Um estudo sobre a **Mulher na Igreja** deveria ser compreendido à luz de uma reflexão mais ampla: a do **cristão no mundo de hoje**, enfocando o verdadeiro sentido da Igreja.

2.^a) Criar grupos de reflexão para mentalizar a opinião pública sobre o papel da mulher na sociedade, na Igreja, na Vida Religiosa.

3.^a) Realizar movimentos em que a mulher participe mais ativamente de todos os setores da sociedade. Para que isso se realize na vida adulta, treinar a liderança feminina, em movimentos de juventude e nas escolas; incentivar o preparo técnico-cultural da mulher, para que sua competência em termos de política, de ciência, de economia, não deixe nada a desejar, em relação ao homem.

4.^a) Seja promovida uma Teologia da Mulher e se estude a possibilidade de sua participação nos ministérios da Igreja, já que as razões, para sua não-participação são apenas de ordem cultural.

5.^a) Corresponsabilidade na Igreja, participação efetiva e ativa nos planejamentos, decisões e na execução das múltiplas atividades e setores da ação humana.

DOM ESTEVÃO BETTENCOURT, OSB

MATRIMÔNIO

Lembra-nos o Concílio do Vaticano II que a vida religiosa está intimamente relacionada com o batismo, pois é a vivência do mesmo professada dentro do quadro dos votos religiosos (1). Todavia a profissão religiosa é essencialmente inspirada e sustentada pelo amor; se não fosse este o seu **leit-motiv**, ela não teria sentido. Ora, há um sacramento que santifica o amor humano em sua forma mais concreta e freqüente, que é a do amor conjugal: tal é o sacramento do matrimônio.

Conscientes disto, perguntamos se há ou não uma relação entre vida religiosa e sacramento do matrimônio. A resposta, à primeira vista, parece ser negativa,

pois a vida religiosa professa precisamente a consagração do celibato ou da virgindade ao Senhor Deus. O ideal do(a) religioso(a) não seria, pois, antitético ao do cristão casado, comprometido com família e obrigações seculares? Tal impressão não pode ser definitiva, pois é superficial. Na verdade, a vida religiosa consagrada a Deus pelos votos canônicos e a vida conjugal se relacionam e complementam mutuamente no conjunto das múltiplas facetas que a graça de Deus vai imprimindo à Santa Igreja.

É justamente esta interligação que nos propomos desenvolver em três etapas nas páginas que se seguem.

1. O sacramento do matrimônio

1. O matrimônio tem seu fundamento na própria natureza humana, como atesta o livro do Gênesis ao dizer que, tendo feito o homem e a mulher, o Senhor Deus os abençoou a fim de que se completassem entre si e fossem fecundos sobre a terra (cf. Gên 1, 26-28; 2, 24). Cristo elevou a união natural do homem e da mulher a nova dignidade, tornando-a sacramento da nova Aliança, de tal sorte que o amor conjugal só tem sentido pleno no cristianismo se é visto

não somente imagem-miniatura, mas também **participação**. Tal verdade implica o seguinte: o amor que une Cristo e a Igreja num conúbio que gera filhos para a vida eterna, se derrama no esposo e na esposa cristãos, fazendo que seu relacionamento diário e constante não tenha apenas significado temporal ou não sirva apenas à construção da Cidade terrestre e à procura da felicidade humana, mas seja também fator construtivo do Reino de Deus e fecundo para a vida eterna.

VIDA RELIGIOSA

DIÁLOGO ENRIQUECEDOR

em função da união de Cristo e da Igreja. O Apóstolo São Paulo comenta o texto do Gênesis nos seguintes termos:

“O homem abandonará pai e mãe e se unirá à sua esposa, e os dois se tornarão uma só carne. Grande é este mistério, quero dizer em relação a Cristo e à Igreja” (Ef 5, 31s; cf. Gên 2, 24).

Com estas palavras, o Apóstolo ensina que a união natural entre marido e mulher há de ser considerada como imagem-miniatura da grande união sacramental (2) existente entre Cristo e a Igreja. Aliás,

Com outras palavras ainda: a obra da salvação iniciada por Cristo na terra não se realiza apenas quando um apóstolo evangeliza povos gentios ou quando um sacerdote reconcilia um pecador com Deus ou quando os bispos se manifestam perante os problemas da humanidade, mas se exerce também — e de maneira não menos válida e importante — quando esposo e esposa se sentam juntos para programar a vida do lar, estudar o orçamento da casa, refletir sobre a educação dos filhos, etc., a fim de que em todos esses pormenores do cotidiano a mensagem de Cristo

seja vivida e ilustrada. É nessas pequenas realidades, de que se tece a trama da vida diária, que Cristo quer e deve exercer a sua obra redentora. Assim o amor conjugal e suas expressões aparentemente mais comezinhas tomam um sentido transcendental; adquirem um novo valor de santificação para os próprios cônjuges e de redenção para o mundo inteiro (mediante a comunhão dos santos).

2. Destes dizeres se segue que o lar cristão se deve tornar cada vez mais preñado dos valores definitivos e cada vez mais transparente para eles. Os critérios de comportamento dos esposos cristãos são o Reino de Deus e sua presença escatológica entre nós. Entende-se então que o Apóstolo São Paulo recomende aos cônjuges certa virgindade, não, naturalmente, virgindade e celibato no sentido físico destas palavras, mas no sentido de sobriedade e reserva frente aos bens deste mundo, para que o casal possa ter presença mais assídua aos bens definitivos. Eis as palavras do Apóstolo:

“Isto vos digo, irmãos: o tempo se faz curto. Resta, pois, que aqueles que têm esposa, sejam como se não tivessem; os que choram, como se não chorassem; os que se alegram, como se não se alegrassem; os que compram, como se não possuísem; os que usam deste mundo, como se não usassem, porque passa a figura deste mundo” (1 Cor 7, 29-31).

Que tenciona São Paulo dizer com tais observações?

— **O tempo se faz curto.** Não no sentido físico, astronômico, visto que depois de Cristo os dias e os anos têm a mesma duração que antes do Salvador. Mas, no sentido teológico: desde que o Eterno entrou no tempo, desde que os valores definitivos e escatológicos se derramaram nos moldes dos nossos dias, estes (e, em suma, os tempos) já são breves e exíguos demais para conter a nova realidade. Visto que esta é de importância capital e definitiva, pode-se dizer que não há mais tempo a desperdiçar; é preciso, antes, que o cristão (na medida do possível) concentre todas as suas virtualidades e o seu tempo no atendimento aos bens eternos presentes entre nós. Como se compreende, ninguém pode viver totalmente desligado das realidades transitórias. Cada cristão, de acordo com o seu quadro social, há de encontrar o devido grau de aplicação aos bens deste mundo, e saberá manter os justos limites para não se deixar absorver pelos mesmos.

É, por isso, enfim, que toda a vida cristã assume uma atitude de virgindade ou de sobriedade em relação aos bens deste mundo: quem, por exemplo, levado pela sua natureza sensível, se vê impelido a chorar, não se decompõe em lágrimas, como se nada houvesse para além dos motivos de dor; quem se alegra, não se desfaz em gargalhadas, como se as alegrias desta vida fossem a plena resposta às aspirações do homem; os que compram e possuem, não se podem sentir realizados com o que têm, como se ignorassem a relatividade dos bens deste mundo. E, conseqüentemente,

aqueles que estão casados, guardam uma atitude virginal, no sentido de que, através do seu casamento, tencionam chegar a uma realização ainda mais plena e perfeita do amor, aderindo incondicionalmente a Cristo, o Divino Esposo da Santa Igreja. Todos, em suma, sabem que passa a figura deste mundo e que é preciso fixar-se no definitivo em meio às realidades provisórias.

3. Ora, se toda a vida cristã, assim esboçada por São Paulo, tem um quê de virgindade íntima ou espiritual, entende-se que desde a primeira hora os cristãos tenham cultivado também a virgindade física ou corpórea. É o que atesta o mesmo Apóstolo no citado capítulo sétimo da primeira carta aos coríntios. Já em 56 da nossa era havia fiéis que, mesmo nas casas de família, se dedicavam inteiramente ao Senhor na vida una e indivisa:

“Quanto às pessoas virgens (3) dou um conselho, como homem que merece confiança, por ter alcançado a misericórdia do Senhor. O pai que casa a sua virgem, faz bem. E aquele que não a casa, fará melhor. Quem não tem esposa, cuida das coisas do Senhor e do modo de agradar ao Senhor. Quem tem esposa, cuida das coisas do mundo e do modo de agradar à esposa. Fica dividido. A mulher que não é casada e a virgem, pensam nas coisas do Senhor, para serem santas de corpo e de espírito. A que é casada, pensa nas coisas do mundo e no modo de agradar ao marido” (1 Cor 7, 25, 32-34, 38).

Por conseguinte, a virgindade física, embora em si mesma não

tenha valor religioso, vem a ser um símbolo. Símbolo da virgindade interior, da sobriedade que todo e qualquer cristão deve nutrir em relação aos valores transitórios deste mundo, a fim de permitir e fomentar o amor a Cristo e aos bens definitivos.

Estas verdades explicam um fenómeno muito curioso, se não paradoxal: o cristianismo, desde a sua primeira hora, suscitou nova estima do casamento, altamente dignificado, como também provocou o apreço (até então quase nulo) da virgindade ou da vida una (4). Pode-se dizer que a história da virgindade é a história do cristianismo. A virgindade é das primeiras flores que brotaram do solo cristão tocado pela semente do Evangelho. É a resposta mais espontânea que o homem possa dar ao Senhor, desde que tenha compreendido o significado da Boa-Nova trazida por Cristo.

Como veremos, virgindade e matrimônio, tão associados entre si em 1 Cor 7, haviam de se acompanhar mutuamente em toda a história da Igreja, num diálogo que, se nem sempre foi explícito e bem entendido, tinha e tem sólido fundamento.

Passemos agora à consideração direta do que significa a vida religiosa na Igreja.

2. Vida Religiosa

A vida religiosa não é senão a vivência explícita e permanente do ser uno e indiviso que São Paulo aponta aos coríntios.

Como se terá desenvolvido?

Os fiéis de Corinto, aos quais se dirigia São Paulo, deixaram o exemplo às gerações seguintes: estas, como atesta a antiga literatura cristã, continuaram a cultivar a virgindade ou a vida una.

Ora, a vida no celibato acarreta naturalmente simplicidade e pobreza (quem não tem família, necessita de menos provisões, bagagens e garantias do que as pessoas que a têm).

Conseqüentemente, nos séculos III e IV houve grande número de cristãos que se retiraram para os desertos da Palestina, da Síria, do Egito, a fim de viverem inteiramente para Deus e para as realidades definitivas, num quadro de celibato e pobreza: S. Antão († 356) e as seguintes gerações de monges eremitas caracterizam bem tal época, que ficou documentada em vasta literatura. Tenham-se em vista os "Apoftegmas dos Pais", as "Vidas dos Pais", etc.

Aconteceu, porém, que esses antigos ascetas, deixados às instituições da sua piedade, por vezes enveredaram por caminhos extravagantes; os caprichos da natureza podiam ameaçar a pureza e o autêntico desenvolvimento do ideal ascético.

Houve, sim, monges sideróforos, que se prendiam com correntes e ferros; siloítas, que viviam em fossas e poços; gimnessofitas, que dispensavam toda ou quase toda roupa; subdivais, que não tinham mansão, mas viviam ao ar livre; estacionários, que permaneciam imóveis em pé; acemetas, que não dormiam; erbívoros, que só comiam ervas ou

capim; pseudo-loucos, que se expunham a zombarias, como se fossem alienados; estilitas, que vivam sobre colunas...

Não intencionamos criticar a generosidade heróica daqueles que, com as melhores intenções, se submetiam a tais regimes de vida; deram testemunho de magnanimidade eloqüente a Deus e aos homens. O fato, porém, é que o individualismo podia levar a degenerescências, como realmente levou no caso dos giróvagos e sarabaítas, de que fala, como severidade, São Bento no capítulo primeiro da sua Regra:

"O terceiro gênero de monges, é detestável, é o dos sarabaítas que, não tendo sido, como o ouro na fornalha, provados por nenhuma regra, mestra pela experiência, mas, amolecidos como numa natureza de chumbo, conservando-se por suas obras fiéis ao século, são conhecidos por mentir a Deus pela tonsura. São aqueles que se encerram dois ou três ou mesmo sozinhos, sem pastor, não nos apriscos do Senhor, mas nos seus próprios; a satisfação dos desejos é para eles lei, visto que tudo quanto julgam dever fazer ou preferem, chamam de santo, e o que não desejam reputam ilícito.

O quarto gênero de monges é o chamado dos giróvagos, que por toda a sua vida se hospedam nas diferentes províncias, por três ou quatro dias nas celas de outros monges, sempre vagando e nunca estáveis, escravos das próprias vontades e das seduições da gula, e em tudo piores que os sarabaítas. Sobre o misérrimo modo de vida de todos esses é melhor calar que dizer algo".

Por isso é que os anciãos, a partir de São Pacômio († 246), instituíram a vida cenobítica ou comunitária, orientada por uma Regra religiosa, fruto da experiência dos mais velhos (5). Assim a obediência sobreveio aos valores da castidade (celibato ou virgindade) e da pobreza. Constituiu-se destarte o quadro característico da vida religiosa, vigente até nossos dias. Este quadro não foi concebido diretamente para mortificar, muito menos, para despersonalizar, mas unicamente para propiciar e assegurar o autêntico desabrochar do amor a Deus e ao próximo, amor que é a característica da perfeição cristã.

A vida religiosa é essencialmente vida de amor; ela não se explicaria se não fosse por inspiração do amor, e ela não pode ser sustentada genuinamente senão na base de um amor constantemente renovado. Digamos mais: o mesmo amor que pode levar o cristão a se unir a seu cônjuge em matrimônio, a fim de constituir uma célula-miniatura da união de Cristo com a Igreja, pode também inspirar ao cristão que procure viver o enlace Cristo-Igreja sem o sacramento do matrimônio, ou seja, de maneira mais absoluta e polarizante (6).

Resta agora fazer o confronto explícito entre matrimônio e vida religiosa.

3. Um diálogo enriquecedor

Acabamos de ver o que, à primeira abordagem, podia parecer paradoxal: matrimônio e estado religioso não constituem dois caminhos totalmente desconexos no Rei-

no de Deus, mas, ao contrário, se defrontam em diálogo fecundo no panorama geral da Santa Igreja. Ambos são sinais, sinais também um para o outro.

Começemos então por averiguar o que a vida religiosa pode oferecer ou assinalar à autêntica vivência do matrimônio. A seguir, examinaremos o processo inverso.

2.1. A vida una, sinal para a vida conjugal

Se todo cristão deve viver o seu matrimônio na atitude de espírito descrita por São Paulo em 1 Cor 7, 29-21, compreende-se que a vida religiosa (quando fielmente vivida) representa, para ele, a concretização da liberdade e da disponibilidade que ele deve nutrir em seu íntimo. Em outras palavras: a atitude do "como se...", incutida pelo Apóstolo aos fiéis casados, deixa de ser, no religioso, um "como se..." para tornar-se realidade concreta, assinalada. Na vida religiosa, não há cônjuge, não há riqueza, não há carreira, mas há a procura de permanecer, tanto quanto possível, em contato direto com o Eterno, na realização dos valores definitivos.

O amor que, na vida matrimonial, deve licitamente ter suas preferências (preferência ao cônjuge, aos filhos, aos interesses da subsistência da família...), na vida religiosa já não tem preferência; não está vinculada a alguma criatura em particular, para poder vincular-se a todas indistintamente sem preferência.

Os casais cristãos, considerando o testemunho assim dado pela vida religiosa, deverão estimular-se a viver o seu amor conjugal com magnanimidade e disponibilidade, evitando prender-se a inclinações mesquinhas ou demasiado particulares. Merece atenção o depoimento de Jean Guitton, o grande escritor francês que foi o primeiro observador leigo chamado ao Concílio do Vaticano II, referindo-se aos sacerdotes, proferiu palavras que podemos transferir aos Religiosos em geral:

“Pedimo-vos que sejais os ‘homens de Deus’, **ish Elohim**, como os Profetas, os portadores da Palavra intemporal, os representantes do Eterno entre nós, os embaixadores do Absoluto. Nós estamos no relativo. Temos necessidade de ver em vós o Absoluto. Na realidade, habitamos o relativo, mas movemo-nos, respiramos, estamos no Absoluto! E, sem o Absoluto que nos envolve, não poderíamos mesmo fruir o relativo.

Ora, tendo fome e sede de Absoluto e não o encontrando em parte alguma no estado puro, temos necessidade de ter perto de nós um ser semelhante a nós que, mesmo na sua mediocridade e na sua miséria, encarne a idéia do Absoluto e nos prove pela sua presença que pode existir, que está mesmo mais perto de nós do que pensamos.

Esta exigência do Absoluto entre nós crescerá cada vez mais no mundo de amanhã, pois as nações, enganadas pelo relativo, se precipitarão para o Absoluto”, **Diálogos Com Paulo VI**, Lisboa, pp. 296 ss.

Não se poderia dizer que Guitton, com estes seus dizeres, representa fielmente o laicato católico ou mesmo o bom senso dos homens de hoje em geral?

É claro, porém, que a estima dos seculares pelos Religiosos só poderá ter lugar na medida em que os Religiosos forem autenticamente o que professam, guardando o seu carisma e o seu lugar próprios na Santa Igreja de Deus. Um(a) Religioso(a) que fosse apenas um(a) ótimo(a) profissional no seu setor de trabalho (magistério, enfermagem, assistência social...) não seria sinal específico, mas, sim, confuso, ambíguo ou mesmo, contra-sinal.

2.2. Vida conjugal, sinal para a vida una

Se a vida una, consagrada a Deus no celibato, tem algo a manifestar e dar aos casais cristãos, poder-se-ia afirmar a recíproca?

Sem dúvida, sim. O amor dos esposos autenticamente cristãos dá aos religiosos um testemunho duplamente caracterizado:

a) **Amor personalista.** Certamente os religiosos têm os mais elevados motivos para praticar o amor: Deus e sua imagem impressa em cada criatura humana. Todavia acontece que tais motivos supõem e exigem um contínuo despertar da fé; esta pode esfriar-se e esmorecer, pois, por sua índole mesma ela adere ao Invisível. Ora, a consideração do amor conjugal pode levar os religiosos a conceberem novo fervor no seu amor a Deus e ao próximo; também eles vivem

núpcias. “As núpcias da Esposa com o Cordeiro” (Apc 19, 9) presente pela graça santificante aqui na terra. Sejam citadas, a título de ilustração, as reflexões de S. Terezinha de Lisieux:

“Por ocasião da visita seguinte, no parlatório, tendo ouvido minha prima recém-casada falar das solitudes que ela tinha para com seu esposo, senti meu coração exultar. Jamais se dirá, pensei eu, que uma mulher do mundo se dedicou mais ao seu marido, simples mortal, do que eu ao meu Jesus bem-amado”. Texto transcrito da obra de J. M. Perrin, *La Virginité*, Paris 1952, p. 10.

Pode-se, pois, afirmar que o consórcio matrimonial suscita, ou deve suscitar, uma santa emulação nos religiosos, a fim de que estes reavivem constantemente o seu amor ao Divino Interlocutor que os chamou.

Paralelamente, o(a) jovem que deseja entrar na vida religiosa, deve ser movido(a) por amor análogo ao dos jovens que se preparam para o casamento; os anseios, a alegria e o entusiasmo devem caracterizar uma autêntica vocação religiosa, como caracterizam naturalmente um genuíno chamado ao matrimônio. Todo ideal deve ser arrebatador.

b) Outro aspecto do testemunho que os casais dão aos religiosos, é o da **paternidade ou maternidade**. Podem-se distinguir vários graus de paternidade:

— **O Pai por excelência é Deus** (cf. Ef 3, 15), Criador da vida. As criaturas participam da paternidade

divina na medida em que se dão, comunicando a vida ou fomentando o crescimento da mesma. Por isto enunciam-se ainda:

— **A paternidade biológica**, que se fundamenta no processo generativo, mas não se deveria limitar a ele.

— **A paternidade de criação**, que assume a seus cuidados o desabrochamento das virtualidades físicas e morais dos pequeninos.

— **A paternidade educativo-espiritual**, a qual transmite os valores que perfazem a personalidade, como a formação religiosa, moral e cultural (7).

Aos Religiosos — principalmente aos de vida ativa (8) — cabe a paternidade espiritual. Esta vem a ser altamente importante, porque atinge os valores típicos do ser humano. É justamente para poder exercê-la mais livre e amplamente que os religiosos renunciam à paternidade biológica. Todavia, dado que esta se ocupa principalmente com valores espirituais e invisíveis, pode com certa facilidade correr o risco da rotina. É necessário, pois, que os religiosos possam ver um sinal concreto e vivo da paternidade na existência dos casais cristãos. Estes, com sua abnegação constante (vigílias noturnas, problemas de orçamento, de educação dos filhos...) devem dar aos religiosos o testemunho de quanto é exigente — mas também digna e dignificante — a missão de pai e mãe. Considerando-os, os religiosos terão motivo da paternidade espiritual.

Em suma, podemos dizer que:

— **A vida conjugal**, situada como sacramento em meio aos afazeres seculares, dá testemunho da Encarnação do Filho de Deus. Todas as criaturas deste mundo possuem, conseqüentemente, um significado e um valor próprios e novos após Cristo. O casal cristão diz a todos os homens que este mundo bem merece árduos esforços para ser redimido do pecado e santificado, de modo a fazer frutificar o sangue de Cristo, preço da redenção do mundo.

— Do seu lado, a vida religiosa, mediante o celibato e o quadro de abstinência em que ela se coloca, dá testemunho de que este mundo, preñado de valores cristãos como está, caminha para a plenitude da sua história e da vida. O estado re-

ligioso procura enfatizar o que há essencial e definitivo em meio aos valores acidentais e transitórios deste século. O Senhor Deus já inaugurou a transfiguração do mundo mediante a ressurreição de Cristo. Não se explicaria a realidade presente da história, se não fossem a perspectiva e a certeza da glorificação futura que a vitória de Cristo sobre a morte introduziu no tempo presente.

Possam todos os cristãos em geral — e, de modo especial, os Religiosos e os casados — viver intensamente estas verdades, que o Evangelho apregoa para renovar a alegria de quantos procuram corresponder sinceramente à sua vocação.

NOTAS

1. "Pelos votos ou outros sagrados laços de natureza semelhante ao voto, o fiel se obriga aos conselhos evangélicos. Pelo batismo ele está morto para o pecado e consagrado a Deus. Mas, para que possa colher frutos mais abundantes da graça batismal, procura pela profissão dos conselhos evangélicos na Igreja livrar-se dos impedimentos que o possam afastar do fervor da caridade e da perfeição do culto divino e consagrar-se mais intimamente ao serviço de Deus. Esta consagração será mais e mais perfeita, na medida em que, através de vínculos mais sólidos e estáveis, representar melhor Cristo unido à Igreja sua esposa por laço indissolúvel", **Constituição Lumen Gentium**", n.º 44.

2. A palavra **mysterion** das epístolas paulinas é geralmente traduzida na Vulgata e na teologia latina por **sacramentum** (sacramento).

3. O vocábulo grego **parthénai**, no caso, refere-se a ambos os sexos.

4. No mundo judaico pré-cristão antigo, a virgindade física não gozava de significado positivo. Podia mesmo ter o sentido de maldição divina. Visto que Israel aguardava o Salvador através da propagação das gerações do povo eleito, a mulher que não tivesse filhos era tida como excluída da linhagem do Messias. Cf., por exemplo, o caso da filha de Jefté (Jz 11, 34-40), o de Ana (1 Sam 1-2), o de Isabel (Lc 1, 5-25).

Apenas em época tardia, ou seja, no fim do séc. II a. C., a viuvez parece ter sido estimada, como se depreende do livro de Judite, a viúva heróica que salva o seu povo.

No séc. I antes e depois de Cristo, os monges de Qumran cultivaram a vida una, mostrando um apreço por ela

que significa notável evolução da mentalidade de Israel. Como quer que seja, Qumran representa uma porção marcadamente exígua do povo judaico.

No mundo pagão, a virgindade podia gozar de estima esporádica e temporária, como no caso das vestais, que dedicavam por determinado período de tempo a sua virgindade ao serviço da deusa Vesta depois disto, casavam-se. O cidadão que desejasse permanecer celibatário, era sujeito a imposto especial, porque assim se subtraía a um tipo de colaboração com a **pólis** grega ou a **Civitas** romana.

5. A S. Pacômio sucederam-se, como legisladores religiosos, São Basílio († 379), S. Agostinho († 430), São Bento († 547 ?).

6. O sacramento diz sempre **sinal**, **símbolo**, **véu**, embora se trate de **sinal eficaz** ou **realizador** do que ele assinala.

7. Cf. Pio Milpacher, "Realizar-se no casamento ou no celibato". Rio de Janeiro 1974, p. 59.

8. Mesmo os monges e as monjas de vida contemplativa exercem essa paternidade em relação às pessoas de sua comunidade e aos cristãos que os procurem. Tenha-se em vista a estima que os antigos tinham pelo pai espiritual e que ainda hoje se conserva em numerosos cenóbios. O monaquismo russo muito exalta a imagem do **starez**.

FREI ALBERTO BECKHAUSER, OFM

PARA O RETIRO MENSAL

I. Tema para reflexão

Páscoa e Pentecostes — Em vez de Páscoa e Pentecostes poderíamos dizer: nascer, crescer e produzir frutos. Estamos no âmago do Ano Litúrgico. Após a vivência dos mistérios da manifestação, após termos acompanhado o Cristo Senhor nos mistérios de sua vida pública na Quaresma e seus passos na Semana Santa, no Mistério de paixão e morte, importa viver em atitude de Páscoa e Pentecostes, aliás, duas facetas do mesmo mistério.

1. Páscoa

Páscoa é passagem do pior para o melhor. Páscoa é solução baseada não em nossas forças, mas na fé em Jesus Cristo, a porta que se abre para o Pai. Páscoa se dá não só na festa, no rito da Liturgia, mas em cada instante da vida de cada qual em busca da terra prometida.

Para não deixar que a Páscoa seja a comemoração de um fato acontecido a quase dois mil anos atrás em Cristo, mas aconteça agora em mim mesmo e em minha comunidade, convido os leitores a meditarem por alguns instantes so-

bre o Evangelho dos discípulos de Emaús, evangelho de uma riqueza inesgotável (Cf Lc 24, 13-35). Seria bom lê-lo.

E provável que este evangelho seja uma primeira tentativa de teologia do Domingo, o dia do Senhor, da Igreja primitiva, em que se celebrava a Eucaristia. E neste sentido seria uma primeira descrição da Celebração Eucarística dos cristãos, composta de leituras bíblicas e da fração do pão, seguida do testemunho do Cristo ressuscitado.

Os discípulos são dois e estão a caminho. Esta observação já merece nossa consideração. Eles, certamente desiludidos com os acontecimentos, contudo não desanimam. Caminham, andam, procuram. Onde dois andam, caminham juntos, o Senhor caminha com eles ainda que não seja reconhecido como tal. Jesus aproximou-se deles e caminhava com eles. Onde dois caminham à procura já não são dois, mas é Cristo caminhando para o Pai. Aí já vive Cristo. Cristo vive em sua Igreja à caminho da terra prometida, realizando a salvação, fazendo acontecer a Páscoa.

Depois Jesus se manifesta, Jesus se revela através das Escrituras, pois "é Ele quem está presente, quando se lêem as Escrituras na Igreja". Jesus interpreta os acontecimentos à luz das Escrituras. "Começando por Moisés, percorrendo todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava dito em todas as Escrituras" (Lc 24, 27). A meditação das Escrituras faz renascer Cristo nos homens pelo mistério do sofrimento, leva-os a viverem os acontecimentos à luz da fé. Desta

forma, Cristo vai ressuscitando em sua Igreja.

Agora chegamos a uma outra manifestação de Cristo. Cristo ressuscita lá onde houver atitude de hospitalidade, de acolhimento. Jesus fez como se quisesse passar adiante, mas os discípulos insistiram que passasse com eles aquela noite. Jesus, então, entrou em sua casa. Os discípulos não lhe ofereceram apenas um teto, mas o acolchoado de uma refeição fraterna. Uma ceia simples. Um bocado de pão e talvez um gole de vinho. Mais ainda. Eles deram ao hóspede o lugar de honra à mesa, pois foi ele quem rendeu graças pelo pão. E neste momento os discípulos o reconheceram. Mas no momento em que o reconheceram Jesus havia desaparecido.

Como compreender esta passagem? Cristo se dá a conhecer, Cristo se manifesta, Cristo ressuscita, onde houver caridade, onde houver hospitalidade, onde houver acolhimento. Lá Cristo está ressuscitando. Na medida em que existir entre os homens a atitude hospitaleira, isto é, de serviço a exemplo dos discípulos de Emaús, Cristo vai ressuscitando através da história dos homens. É preciso, pois, a exemplo de Cristo, partir o pão e servir, isto é, colocar-se a serviço do próximo, tornando-se pão, isto é, alimento para a vida dos homens. Cristo, então, está ressuscitando.

Quando o reconheceram na fração do pão ele desapareceu. Não havia mais necessidade de Cristo permanecer entre os homens de maneira corpórea, pois ele continua presente de maneira sacramental

nos seus discípulos; naqueles que vivem o serviço do amor, pois o novo mandamento tudo renova, faz tudo renascer.

“Ide, dirá ele, vós sereis minhas testemunhas até os confins da terra”. Vós sereis meus continuadores no meio dos homens. Isso vem expresso no que segue: “Levantaram-se na mesma hora e voltaram a Jerusalém. Eles, por sua parte, contaram o que lhes havia acontecido no caminho e como o tinham reconhecido ao partir do pão” (Lc 24, 33-35). Aqueles em quem Cristo se dá a conhecer, aqueles que, a seu exemplo, acolhem os irmãos na caridade e compartilham com eles a sua vida, constituem Cristo ressuscitado entre os homens. Cristo ressuscita nos que andam à procura, Cristo ressuscita nos que vivem os acontecimentos à luz das Escrituras, Cristo ressuscita nos que acolhem e nos que servem, Cristo ressuscita nos que sabem partir o pão.

Tudo isto, nós o vivemos de modo todo especial no rito da Eucaristia. Nós procuramos como os discípulos de Emaús, nós confrontamos nossa vida e os acontecimentos com a Escritura e vivemos o partir do pão como memorial da total doação de Cristo por sua morte na Cruz, bem como de toda a capacidade de doação que realizamos em nossa vida. Na comunhão fraterna Cristo se dá a conhecer, Cristo está ressuscitando. A comunidade eclesial está anunciando assim a ressurreição do Senhor. Mas importa que isto aconteça não somente na hora da Celebração Eucarística. Cada cristão é convidado a se tornar presença de Cristo ressuscitan-

do entre os irmãos, de tal sorte que reconheçam o Cristo na fração do pão, ou seja, reconheçam a face de Cristo na caridade do irmão.

2. Pentecostes

São João faz coincidir Páscoa com Pentecostes. Cristo apareceu aos discípulos, soprou sobre eles, dizendo: “Recebei o Espírito Santo” (Cf Jo 20, 22). São Lucas usa o esquema da Liturgia judaica da libertação do Egito e da Aliança no Sinai. Seja como for, a Igreja encerra os cinquenta dias de alegria pascal com a Festa de Pentecostes. O que importa aqui é o mistério.

Páscoa significa nova vida com Cristo; morte para o pecado e vida para Deus. Durante as semanas pascais o cristão vive a renovação da aliança batismal feita na Vigília pascal; vive a profunda realidade apresentada nos domingos seguintes, expressa pela figura dos ramos da videira, pelo mandamento novo. Descubra ainda que ele é enviado a ser luz do mundo e sal da terra.

Para que ele possa realizar esta sublime missão de ser sinal e testemunha do Cristo ressuscitado entre os homens, para que ele possa viver o ideal da comunidade cristã, formando mais e mais o Corpo místico de Cristo, para que possa viver sua missão batismal de sacerdote, rei e profeta, Cristo garante sua presença através de seu Espírito. “Assim como o Pai me enviou eu vos envio a vós”. Como eu sou a imagem do Pai, vós deveis ser a minha imagem para que os homens me reconheçam em vós.

Não deveis nascer apenas para a nova vida, mas crescer, e produzir muito fruto preparando-vos para o encontro glorioso comigo.

A semente lançada à terra na Páscoa deverá ser fecundada pelo Espírito de Pentecostes, para que suportando o frio e o calor do tempo do crescimento, possa chegar a pleno desenvolvimento.

Páscoa e Pentecostes constituem duas facetas do mesmo mistério cristão. Páscoa é nascimento, é nova vida. Pentecostes é crescimento, é testemunho, é o pleno desabrochar até a idade madura em Cristo. Por isso, São João faz coincidir Páscoa com Pentecostes. Cristo sopra sobre os Apóstolos o Espírito Santo. É aquele mesmo sopro de Deus que fez do homem um ser vivente. É o Espírito, fonte de vida e de perfeição. É o mesmo Espírito recebido pelo povo de Deus, recebido pelos reis, sacerdotes e profetas do Antigo Testamento a serviço do Povo de Deus.

É a mesma plenitude do Espírito de que fala o profeta Isaías no capítulo onze, pelo qual viveremos o Reino de Deus na total reconciliação, em que os homens, representados pelos animais na maior variedade podem conviver na linguagem do amor. Pentecostes nos comunica o Espírito da unidade em que todos compreendem a mensagem do Evangelho anunciado por Pedro, apesar da variedade de línguas, porque existe a linguagem da fé comum em Cristo, a linguagem do amor. Então, não acontecerá Babel, confusão das línguas, mas a unidade na linguagem do amor em Cristo.

Devemos lembrar-nos, enfim, que tudo isso é dom. E Cristo fez depender este dom do nosso pedido. A exemplo de Maria e dos Apóstolos no Cenáculo, também nós deveremos pedir o dom do Espírito da verdade, do amor e da vida para que possamos diariamente compreender a mensagem de Cristo e pô-la em prática. Cada dia deveremos invocar o Espírito Santo para que, como ele formou o Cristo no seio da Virgem Maria, e torna presente o Cristo sobre os altares, plasme também em cada um de nós a imagem de Cristo e aos poucos vá formando o Cristo Místico que é a Igreja.

II. Questionário para reflexão em grupo

1. O que significa viver uma espiritualidade pascal?
2. Quais as principais vivências pascais de minha comunidade?
3. Como posso eu contribuir para que em minha comunidade todos os dias aconteça Páscoa?

III. Celebração da Palavra de Deus

1. Acolhimento

D: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

T: Amém.

Comentarista: Com os discípulos de Emaús deixemos que nesta Celebração da Palavra de Deus, Cristo, se dê a conhecer em nossa comunidade.

D: Se fostes ressuscitados com Cristo, buscai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus; pensai nas coisas do alto, e não nas da terra. Estais mortos e vossa vida está oculta com Cristo em Deus.

T: Demos graças a Deus.

D: Cantemos: Ressuscitei, aleluia... (Cantos e Orações, n.º 428).

D: Oremos (Silêncio)

Ó Deus, força imutável e luz inextinguível, olhai com bondade o mistério de toda a vossa Igreja e conduzi pelos caminhos da paz a obra da salvação que concebestes desde a eternidade. Que o mundo todo veja e reconheça que se levanta o que estava caído, que o velho se torna novo e tudo volte à integridade primitiva por aquele que é princípio de todas as coisas. Por nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

T: Amém.

2. Leituras

1.ª leitura: 1 Cor 5, 6-8

Comentarista: Esta leitura proposta à nossa meditação deve ser situada no contexto das festas de primavera em que tudo renasce e onde se prepara o pão novo com o trigo novo.

Leitor: Lê 1 Cor 5, 6-8

Comentarista: Fermento é algo antigo, deteriorado. É a vida do pecado, o homem velho não unido a Cristo. Não podemos ser fermento da imagem de São Paulo, mas

massa nova. O passado deve morrer em nós, pois Cristo ressuscitou e nós ressuscitamos com Ele. Somos pães ázimos, isto é, sem fermento, pães novos, do trigo novo, do trigo nascido da Cruz de Cristo, pois ele ressuscitou dos mortos e vive.

(Silêncio)

D: Cantemos com alegria: Eis o dia que o Senhor fez (Cantos e Orações, n.º 429)

Evangelho: Lc 24, 13, 35.

Comentarista: O tema do Evangelho é: "Eles o conheceram na fração do pão". Apresenta o relato da aparição aos discípulos de Emaús. Cristo ressuscitado é encontrado a partir da busca sincera, da fé nas Escrituras, da fração do pão e da vivência do amor.

Leitor: Lê Lc 24, 13-35

D: Deixemos que o episódio dos discípulos de Emaús se faça presente hoje nesta comunidade. Neste dia de retiro procuramos Cristo, caminhamos. Certamente o acolhemos nos nossos irmãos. Façamos com que ele continue a se dar a conhecer na fração do pão, isto é, na caridade fraterna, no acolhimento mútuo, no respeito mútuo e no serviço aos irmãos em que nos tornamos pão repartido para alimentar a vida dos irmãos.

(Permaneçamos por alguns momentos em silêncio)

3. Resposta à Palavra

D: Rezemos todos juntos a oração: Quem és tu, Senhor Jesus? (Missal Dominical Festivo, p. 506).

Desde a minha infância
escutei falar de ti, Senhor Jesus.
Aprendi a te estimar desde
pequeno.

Hoje, que a vida já me marcou,
gostaria de te conhecer melhor.

Sei que tu não és um homem
com belas idéias.

Sei que és mais do que um
agitador de massas,
mais que um homem sincero.

Sei que tu és a expressão
humana de Deus.

Sei que tu és a esperança
de todos os homens,
de todas as épocas, de todas as
raças.

Sei que és a invasão de Deus
no humano,
a revelação mais evidente do
mundo do Pai.

Mas, Senhor Jesus,
onde eu poderia encontrar-te hoje?
Gostaria de escutar tua voz,
tocar tuas vestes e falar contigo.
Sei, sei onde estás.
Sei que continuas vivo;
que és o Vivo.

Quando escuto teu Evangelho,
tu me falas.

Quando partilho a Eucaristia
com meus irmãos, tu aí estás.

Quando me reúno com meus
irmãos, os homens,

tua presença se faz sentir.

Quando socorro a alguém
com o copo de água fria
ou com o pão da afeição
tiro a tua sede e cubro-te de amor.
Tu estás bem perto de mim.

4. A linguagem do rito

Se na igreja em que se faz a
celebração houver um batistério,
todos podem dirigir-se em procis-
são até lá, cantando: Tem sede

minha alma (CO, n.º 183). Se não
houver batistério, arrume-se um
círio pascal em lugar destacado.
Chegando ao batistério, tendo-se
colocado em torno do círio pascal
e tendo acendido cada qual sua
vela no círio, a comunidade reno-
vará sua aliança batismal, rezando
o **Creio**, na forma mais longa:
(CO, p. 183).

D: Creio em um só Deus...

D: Cantemos: Fazei de hosanas re-
tumbar (CO, n.º 445).

D: Porque Cristo ressuscitou, tor-
nando-se o primogênito entre
os irmãos, todos nós fomos ir-
manados, tornando-nos filhos
do mesmo Pai que está nos
céus. Por isso, podemos dizer
com amor e confiança:

T: Pai nosso...

(Pode seguir a Comunhão Euca-
rística, durante a qual pode-se
cantar: Ao partirmos o pão reco-
nhecemos (CO, n.º 439).

5. Conclusão da celebração

Invocação ao Cristo

D: Por vosso mistério pascal, a
morte cedeu à vida.

T: Senhor da Igreja peregrina,
que buscas a ressurreição,

D: Trocai nossa tristeza pelo vosso
regozijo.

T: A nossa angústia pelo vosso
júbilo.

D: Os nossos conflitos pela vossa
paz.

T: O nosso medo pela vossa tran-
quilidade.

D: A nossa dificuldade pela vossa facilidade.

T: A nossa tensão pela vossa largueza.

D: O nosso azedume pela vossa doçura.

T: A nossa confusão pela vossa ordem.

D: A nossa maldade pela vossa bondade.

T: A nossa intransigência pela vossa compreensão.

D: As nossas vinganças pelo vosso perdão.

T: O nosso legalismo pelo vosso amor.

D: A nossa insuficiência pela vossa graça.

T: Para que possamos glorificar-vos na alegria.

D: Servir-vos na esperança, alegrar-nos na santidade.

T: Louvar-vos na perfeição, celebrar-vos na humildade.

D: Dar testemunho de vós, pelo amor fraternal aos semelhantes.

T: Peregrinos da Ressurreição, da herança bendita.

D: Do banquete glorioso.

T: Da comunidade celeste e bem-aventurada.

D: Que o Senhor nos abençoe, guarde-nos de todo o mal e nos conduza à vida eterna.

T: Amém.

D: Bendigamos ao Senhor.

T: Graças a Deus.

Apresentamos aos leitores de **CONVERGÊNCIA** uma crônica de livros sobre a vida religiosa em quatro subtítulos. O primeiro tratará de obras que estudam a vida religiosa em seu desenvolvimento passado e futuro; o segundo apresentará livros que tratam dos princípios em geral ou de algum ponto de vista em particular; o terceiro será de estudos sobre a vida comunitária; e, finalmente, o quarto compreenderá obras que se relacionam com espiritualidades específicas e com institutos determinados.

A VIDA RELIGIOSA

Boletim bibliográfico ¹

1. Tradução de **CONVERGÊNCIA** do texto original *Théologie de la Vie Religieuse*, *Bulletin Bibliographique*, de VIE CONSACRÉE, março/abril 1973, página 83 e seguintes.

1

O passado e o futuro

Fruto de minuciosas pesquisas e de longos anos de magistério, o livro (2) do Padre Hostie estuda a vida religiosa dos primeiros séculos até os nossos dias sob o ângulo psicossociológico. O Padre Hostie explica muito claramente seu ângulo e sua ótica: "o psicossociólogo concentra sua atenção sobre os fenômenos do grupo como tal. Ele analisa a rede de relacionamentos estabelecidos entre as pessoas em situação de interação e de interdependência". Entre as consequências tiradas pelo autor do seu ponto de vista a que se mantém grandemente fiel, a que mais impressiona é o lugar relativamente modesto que ele atribui aos personagens de grande destaque: os fundadores de ordens, os grandes reformadores etc.

2. HOSTIE, R., *Vie et Mort des Ordres Religieux*. Approches psychosociologiques. Coll. Bibliothèque d'Études psycho-religieuses. Desclée De Brouwer, 1972, 22 X 14, 382 p., 320 FB.

Não nega sua importância, mas o autor prefere se interessar sobretudo pela "reação de cristalização" das aspirações difusas que eles provocaram. Procura então colocar em destaque que semelhante cristalização, característica de todas as grandes vagas que movimentaram a vida religiosa é a resposta a uma expectativa grandemente generalizada que encontra em novas formas a expressão daquilo que se buscava às apalpadelas.

O primeiro capítulo é uma descrição da vida religiosa como a vê um psicossociólogo: "um conjunto de agrupamentos que pessoas constituíram com o desejo de viver e realizar metas comuns que dizem respeito aos seus relacionamentos recíprocos, conjunto dotado de estruturas relacionais e sociais, e que corporificam suas aspirações". A primeira característica que se descobre é que, se a influência dos homens é decisiva nas fundações, a vida religiosa, onde as mulheres são, mais ou menos, desde o início, as mais numerosas, se divide em duas redes relacionais praticamente estanques na vida de todos os dias.

Uma outra nota: a vida comum conforme os estatutos, seja prevenindo uma implantação geográfica, como os monges, seja prevenindo um ligar-se a um grupo. Todos estes estatutos se referem, através do evangelho, ao amor de Deus e do próximo. A **conversio morum** se cristaliza quase sempre em torno do tríplice eixo dos votos de pobreza, de castidade e de obediência, aos quais a partir do século XII, vários institutos acrescentaram um quarto voto: como o cuidado dos

doentes, a libertação dos cativos etc. Enfim, o psicossociólogo revela ainda que estas instituições são reconhecidas ainda pela cristandade donde emergiram e na qual lançam suas raízes mais ou menos profundas. Este reconhecimento se dá também seja em relação à hierarquia que as aprova seja em relação ao povo cristão que fornece meios e recursos.

Em seguida vêm sete capítulos destinados aos institutos masculinos. O autor se impôs este limite para possibilitar sua tarefa, ao menos num primeiro estágio. No começo, só Ordens monásticas, única forma organizada que a Igreja conhece entre os séculos IV e XI. Os séculos XI e XII assistem a proliferação das ordens canônicas sob uma tríplice forma: Regulares, Hospitaleiros e Cavaleiros. Com São Francisco de Assis (1182-1226) abre-se a era das Ordens Mendicantes. Dois séculos e meio depois é a vez dos Clérigos Regulares. No século XVII aparecem as Sociedades de Padres e as Congregações de Irmãos. Depois, do século XVIII, as congregações clericais. Após a tormenta que marcou o fim do século XVIII, o século XIX se caracteriza como o século das fundações (mais de 90 novas fundações) e o século da reestruturação das antigas instituições que não foram arrasadas pela tormenta.

A restauração que se realiza é marcada pelo sincretismo e pelo ecletismo. O século XX, enfim (o autor para sua pesquisa na vigília do Vaticano II) tem três conotações: um crescimento numérico constante e um alargamento da área

de recrutamento; uma estabilidade a toda prova, reforçada por codificações minuciosas; um imobilismo onde a originalidade de carismas marginais se alia ao paralelismo funcional das atividades. O julgamento que o autor faz destes dois últimos séculos é severo. Será, porém, justo? É bem possível que o seja. Justificaria seu julgamento a explosão a que presenciamos depois do Concílio.

Num último capítulo busca ele dar as constantes e as leis que esta pesquisa tinha em mente colocar em foco.

Uma primeira constatação se impõe: a existência de um "crisol geográfico", constituído pela cristandade ocidental. Mais da metade das fundações são originárias da Itália e da França. O autor chega, assim, pelos caminhos da pesquisa a uma conclusão já enunciada por outros historiadores: a Igreja só cristianizou em profundidade a civilização greco-latina. Em nossa época de abertura ao mundo, é bom chamar a atenção, especialmente pelos contatos com outras civilizações. Aquilo que estas civilizações esperam inconscientemente de nós, não é que lhes levemos nossa concepção ocidental da vida religiosa, mas que lhes ajudemos a fazer desabrochar uma resposta original ao apelo evangélico, como por exemplo, é o caso do Padre Monchanin entre os indianos.

A segunda conclusão se refere ao ciclo de vida de um instituto: nascimento, esplendor, extinção. Encontramos às páginas 291-294, uma análise muito penetrante do **rencon-**

tre fortuite en bandes, o primeiro estágio desta gênese. Isto nos pareceu esclarecedor também para aquilo que se procura atualmente em certas pequenas comunidades. A hipótese que o autor pensa poder manter e sustentar é que "o ciclo de vida completo de um grupo religioso pode se encerrar em três séculos". Repetidamente ele observa que isto não comporta um julgamento sobre a santidade individual dos membros. Ele apóia sua hipótese sobre muitos fatos que, de numerosos se tornam impressionantes também.

Todavia, os historiadores das Instituições se perguntam, com toda razão, se é realmente possível elencar leis num domínio onde a liberdade exerce um papel inquestionável, para não falar também da graça que, em regra geral, supõe a natureza e se adapta às suas leis. Outros historiadores apontam exceções notáveis (3) que o autor reconhece e se esforça para explicar. Mais uma razão para se mostrar reservado a esta hipótese. É claro que mais de um instituto que respondia, na época de sua fundação, por uma necessidade específica do momento, está ameaçado de extinção, quando desaparecer sua razão de ser. Exemplos: a libertação dos cativos, a defesa da Terra Santa etc.

3. Os beneditinos foram fundados no século VI; os cistercienses, os cartuchos, os camaldulenses, no século XI; os franciscanos, os carmelitas, os dominicanos, no século XIII etc.

De outro lado, não há dúvida, o que é mais encorajador para o leitor, é que fica demonstrado que nenhuma forma de vida religiosa desapareceu da Igreja, nem mesmo os eremitas, hoje bastante florescentes. E que o renascimento sempre traz uma renovação do fervor primitivo. Se houve reformas empreendidas pela autoridade — é raro o caso — é que elas respondiam por uma fermentação espiritual autêntica dos melhores de seus membros.



Como acabamos de ver, o livro do Padre Hostie descreveu as fases da vida dos Institutos. Já o Padre Fernando Sebastian Aguiar (4) tenta precisar o esforço exigido hoje não somente para sobreviver à crise, mas sobretudo para dar ao mundo atual a resposta que ele espera da vida religiosa. O primeiro capítulo de sua obra expõe com clareza o que é a secularização, movimento contra a sacralização da vida profana para se reconhecer a legítima autonomia de cada uma.

“O homem da Idade Média é um homem envolvido por uma religião que absorve tudo. E envolvido por um poder religioso que se insere até nas últimas ramificações de sua existência.” É uma reação contra semelhante estado de coisas que se

declara uma guerra de libertação que o autor não hesita em qualificar de “processo de descolonização espiritual”. A procurar responsáveis, o autor prefere ser mais útil refletindo sobre a secularização em si mesma. Ele o faz com bastante êxito porque se baseia numa sã teologia das relações entre a criação e a redenção, entre a natureza e a graça.

Criação e redenção, natureza e graça não se definem como duas ordens completas cada uma em si mesma. A Igreja não é a sociedade da graça e tudo fora dela é a anti-graça. É um e mesmo Deus que nos criou e nos enviou seu próprio filho. Na encarnação, a natureza divina se uniu indissolivelmente à natureza humana sem violar a integridade desta. Assim a ordem da graça, sempre presente, respeita a autonomia legítima da ordem natural. Existe, pois, uma secularidade legítima, que nada mais é que o reconhecimento desta autonomia da natureza no seu domínio próprio. É uma secularidade em nada menos legítima, embora ela exija de nós um esforço clarividente e difícil. Mas o secularismo deve ser rejeitado, porque buscando proveito próprio da união da natureza e da graça, rejeita totalmente a graça.

O que fazer para testemunhar Deus neste mundo secularizado? Dar a César o que é de César, na ordem do pensamento, no plano da conduta e da vida e naquilo que se refere às instituições e as formas sociais, mas também redescobrir a verdadeira originalidade da vida cristã, ressituá-los no mundo real de hoje, evangelizar o mundo pro-

4. AGUILAR, SEBASTIAN F., *Vie Religieuse, le Défi de la Sécularisation*. Coll. Le Point, 23. Paris. Apostolat des Éditions; Sherbrooke, Éd. Paulines, 1972, 18 X 12, 204 p., 18 FF.

fano. Isto é bem diferente de sacralizá-lo.

Estes três capítulos preliminares eram necessários para que se pudesse, em seguida, abordar com proveito a finalidade de seu estudo: a adaptação exigida hoje na vida religiosa. Antes de prosseguir precisamos fazer uma ligeira explicação. O autor nos parece que não distingue bem que o princípio em virtude do qual concluiu pela legitimidade da secularização pode ser aplicado também à relação entre vida cristã do leigo e vida cristã dos religiosos. A ordem da graça transcende a ordem da natureza. Encarna-se nela para transformá-la sem renunciar a sua autonomia. Deus chama os cristãos, uns para testemunhar esta transcendência (são os consagrados); outros, para manifestar sua força de encarnação (são os leigos); uns e outros são chamados para ordenar a própria vida conforme a caridade de Cristo e praticar esta caridade como lei suprema, abrangendo a totalidade de seu agir, incluindo os próprios aspectos temporais. Ver a página 125 onde isto é dado como características dos religiosos.

Não obstante, o que o autor diz a respeito da adaptação da vida religiosa nos parece notável. Deste meio particularmente sacralizado se exige uma atualização que vai muito além do simples abandono de algumas práticas superadas. Para se encontrar o aspecto que impressiona e fala ao nosso tempo é preciso renunciar à ótica sacralizante. Isto nos obrigará a precisar em que consiste realmente a nossa consagração, o sentido profundo e sempre

atual de nossos votos, o papel da vida comum, o lugar da oração, malgrado a difícil adaptação à vida de hoje.

Sobre todos estes assuntos e sobre alguns outros: subsidiariedade, pequenas comunidades, formas de engajamentos, diferença entre vida religiosa e institutos seculares, o autor tem páginas que merecem ser lidas e meditadas. Participamos de seu otimismo funcional a respeito da vida religiosa para o futuro. cremos também, como ele, que somente sobreviverão os Institutos que souberem se renovar em profundidade. A esta renovação os provocou o desafio da secularização.



O livro (5) não trata dos problemas da vida religiosa. É o resultado do Colóquio Europeu dos Intelectuais Cristãos, realizado em Estrasburgo em novembro de 1971. Condensa as mensagens recebidas por ocasião do Encontro, as intervenções que se fizeram e alguns dos textos apresentados. Tudo tem em comum o desejo de sublinhar a mesma preocupação diante da desordem que domina as grandes instituições, especialmente a Igreja Católica, o mesmo desejo de tomar consciência da responsabilidade e dos deveres dos cristãos neste turbilhão, a mesma esperança e a

5. **Fidélité et Ouverture.** Colloque des intellectuels chrétiens de Strasbourg. Paris, Mame, 1972, 22 X 14, 240 p., 16 FF.

mesma convicção, bem expressas pelo título dado por Gérard Sou-
lages.

Se damos a este livro destaque nesta crônica, é porque o problema de que trata e as atitudes que propõe se aplicam perfeitamente, guardadas as proporções, à vida religiosa e à sua difícil renovação. "Não mais temos por missão pregar nossas dúvidas mas pregar a fé." Também nós podemos ser esclarecidos pela sábia atitude de acolhida do Padre Congar frente à novidade, mesmo quando ela nos impressiona no momento. Também nós para irmos até a extremidade de nosso amor aos irmãos, precisamos nos convencer de que "Cristo está a exigir de cada um de nós, amor pessoal, a toda prova". Precisamos rever, sem cessar, "o que é singular, irreduzível no cristianismo: Deus na sua eternidade, na sua infinitude se dando aos homens na sua história". Isto exclui seja o integrismo seja o progressismo.

Temos assim interesse em saborear a palavra do Cardeal Suhard lembrada pelo Cardeal Lefèbvre: "Ser testemunha não é fazer propaganda nem mesmo causar impacto. É viver de tal modo que esta vida torne-se inexplicável se Deus não existir."

Mas o que todos deveriam meditar e se esforçar por colocar em prática, são as palavras admiráveis, profundamente cristãs, pelas quais o Prof. Cullmann, depois de denunciar a gravidade da crise, mostra que ela não terá solução a não ser pela volta à fé pela oração e pela meditação. É esta fé que promove

"as reformas no íntimo e promove a abertura para o outro". Ela triunfará da crise atual pelo poder inerente ao evangelho que procura viver e realizar. Possa esta mensagem ser entendida.

Depois de haver escrito, em 1968, uma **Teologia da Vida Religiosa**, cf. **Vie Consacrée**, 1969, página 182, o Padre Codina pensou que as reviravoltas que sofreu a vida religiosa e toda a Igreja estavam exigindo um novo livro (6). Não porque a doutrina exposta no primeiro tinha perdido seu valor essencial, mas "para ajudar levar os homens de hoje a Jesus Cristo".

A secularização é um fato, e seria ridículo negar sua existência. Estamos diante de uma crise sócio-cultural de conseqüências teológicas. Num mundo que toma consciência de sua autonomia, os cristãos se submetem, individual e coletivamente à prova do silêncio de Deus. A experiência que vive o homem de hoje não o leva espontaneamente a encontrar a Deus na natureza, como acontecia a São Francisco. Se a experiência é para ele um ponto de abertura sobre o transcendente, ele precisa buscar Deus em sua experiência antropológica e, mais ainda, em sua experiência interpessoal, isto é, comunitária.

6. CODINA, V., SJ, **Nueva Formulación de la vida religiosa**. Coll. Vida religiosa, 55. Bilbao, Mensajero, 1972, 20 X 14, 256 p.

A vida religiosa, conseqüentemente, se encontra numa encruzilhada. É preciso descobrir novas pistas para traduzir sua experiência fundamental, esta experiência do Senhor que supõe uma sensibilidade especial para a transparência cristã da criação. Enquistar-se em maneiras antigas de viver esta experiência (talvez válido em outros tempos), é estancar as vocações, não por falta de generosidade dos jovens, mas porque eles não encontram nestas formas anacrônicas, a resposta ao apelo que lhes é endereçado hoje pelo Senhor. Este apelo é de tal gênero que, quem crê que o captou existencialmente, não mais acha possível se ligar a uma pessoa numa comunidade matrimonial.

Eis porque o celibato por amor do reino é uma característica essencial da vida religiosa, de tal maneira que a obediência, a pobreza, a vida comum não são conseqüências suscetíveis de serem vividas de múltiplas formas.

Depois de haver examinado a "diaconia crítica" que a vida religiosa é chamada a exercer, as conseqüências para a oração (difícil para o homem moderno), para a pobreza e para a obediência, o autor consagra um capítulo à "koinonia" (a vida comunitária). Sem esconder as dificuldades e os perigos das pequenas comunidades, ele julga que estes grupos podem realizar uma comunidade de vida, de fé e de serviço. Talvez sejam a solução para o futuro, ao ponto de tornar dispensáveis as casas de formação. Uma bibliografia crítica de mais de 60 páginas sobre vida religiosa e secularização (1965-1970)

fecha de maneira muito útil o volume.

Este livro (7) reproduz duas conferências do Padre Tillard, feitas na Assembléia Geral da União das Superiores Gerais da França, em 1971. "As coordenadas da situação atual" é a primeira parte. Um diagnóstico que coincide com o essencial dos livros dos Padres Sebastian Aguilar e Codina. "Ser religiosa hoje" é a segunda parte. Mostra em que direção se dirigir nosso esforço hoje.

Apreciamos nesta obra especialmente a maneira como o Padre Tillard situa a religiosa na Igreja hoje: Graças a ela, aflora na superfície da Igreja uma visibilidade particular, em pleno engajamento a serviço do homem, na vocação fundamental de serviço a Deus e a seu desígnio. O que dá à Igreja sua fidelidade. "Isto requer da religiosa um engajamento sem compromisso com relação ao outro, engajamento que a torna testemunho vivo, sem tergiversar com a gratuidade de seu projeto. Possa este vigoroso apelo ajudar numerosas boas-vontades em seu esforço de fidelidade ao apelo de Cristo.

7. TILLARD, J. M. R., OP, *Religieuses dans l'Eglise d'aujourd'hui*. Paris, U.S.M.F., 1971, 21 X 13, 52 p. Este livro foi traduzido pela CRB para a Coleção Vida Religiosa. É o décimo volume da Coleção. Tem a apresentação feita pelo Padre Marcello de Carvalho Azevedo, SJ, Presidente Nacional da CRB.

Que os problemas de renovação estejam em toda parte, é uma prova a contribuição (8) apresentada por Mons. Dabrowski em **Mélanges** e dedicada ao Cardeal Wyzynski, por ocasião de seus vinte e cinco anos de episcopado. Suas páginas descrevem as ordens religiosas face ao programa de renovação. Como indica o título da obra **Vers l'Homme** e como observa o prefácio, são páginas centradas sobre os problemas centrais do homem e a resposta que a vida religiosa pode lhe apresentar.

A União das Religiosas Educadoras Paroquiais — UREP (9), alinhando-se na mesma direção das pesquisas anteriores, fixou uma tripla meta para seu encontro da páscoa de 1972. Como ser sinal do reino no coração da promoção feminina em curso? Que deve fazer a vida religiosa para assumir sua responsabilidade neste esforço gigantesco das mulheres hoje? Qual será a contribuição específica da comunidade religiosa para esta libertação coletiva? **Promotion Féminine, Vie Religieuse** reproduz as comunicações e os testemunhos da-

dos durante os três dias. Todos são interessantes seja pelos aspectos teóricos que colocam em foco (ver a exposição do Dr. Heleno Théron sobre “a mulher, primeiro obstáculo de sua libertação”), seja pelas experiências vividas que elas testemunharam.

Atraente e irritante, ao mesmo tempo, a carta que Maurice Lafond escreveu (10). Certamente, para apreciar a obra com objetividade, será preciso conhecer a situação concreta e o “Relatório Dumont” (**L’Église du Québec: un héritage, un projet, 1971**) a que se refere o autor sem cessar. Carecendo deste elemento, contentamo-nos de expor nossas impressões a respeito desta leitura. É a imagem do entusiasmo e do fervor de um neófito (o autor nos permita a palavra) que descobre tudo o que se deveria fazer em sua querida Quebeque para assegurar uma presença ativa da Igreja.

Este entusiasmo é muito simpático. O autor tem expressões felizes que levam à meditação e à reflexão aqueles e aquelas que hesitam diante da subsidiariedade. “**As coisas menos bem feitas** podem produzir maior impacto evangélico quando são feitas por **pessoas boas**” (o negrito é do autor).

8. **W klerunkun Człowieka (Vers l'Homme)**. Edit. Mgr. B. Bejze. Warszawa. Akademia Teologii Katolickiej, 1971, 25 X 18, 384 p.

9. **Promotion Féminine, Vie Religieuse**. X Rencontre de l'U.R.E.P. Assem-

blée Pâques 1972. Paris. Éd. Ouvrières, 1972, 18 X 12, 240 p.

10. LAFOND, M., CSC, **Lettre aux religieux du Québec**. Coll. Présences. Montréal. Éd. Fides, 1972, 19 X 14, 162 p. \$ 3,00.

É pena, mas é forçoso concordar com o autor: a descoberta de seu entusiasmo não permitiu que desse a mesma importância a outros aspectos da questão. Começa-se, então, a questionar se aquilo que implicam estas páginas, não é afinal provar que o religioso é um cristão qualquer como os demais, mesmo se ele faz parte da elite dos cristãos. Mas se o religioso, sem ser necessariamente chamado para uma maior perfeição que seu irmão leigo, foi convidado por Deus, para a intimidade da única vocação cristã, para um outro serviço?

Esta é a questão que nós gostaríamos que o autor tivesse levantado. Esta é a questão que sublinharíamos, sem cessar, como devendo estar presente ao leitor. Esta questão ajudaria a tirar destas páginas tudo de bom que realmente têm sem deixar a forte impressão de unilateralismo.



Paradoxalmente seríamos tentados a dizer que aquilo que torna atual o **Retraite à Beni-Abbès** (11), é que o Padre Voillaume aceita com serenidade que seus entretenimentos sobre a vida religiosa são deliberadamente inatuais, desatualizados. Esta recusa de acomodar a vida religiosa e o evangelho ao

gosto do dia (ele conhece este gosto), dá às suas páginas todo o valor para os dias de hoje.

Calma mas deliberadamente, sem polêmica mas não sem razões, o fundador dos Pequenos Irmãos e das Pequenas Irmãs de Jesus lhes dá, neste retiro preparatório para seu engajamento na fraternidade, o em que consiste hoje ainda, sua resposta ao apelo de Deus, que somente pode dar sentido a sua vocação. Com bonomia e bom-senso, mas sobretudo com a convicção de um testemunho que sabe o que fala por ter vivido, ele os convoca para as exigências imperscrítíveis desta resposta. Se os seus fundamentos são os mesmos do evangelho, a vida religiosa com seus votos é, entretanto, uma maneira determinada, depois de um apelo preciso do Senhor, para viver a vida cristã.

Esta é uma razão, entre outras, pela qual a comunidade religiosa não pode se reduzir à comunidade cristã dos leigos e não pode haver comunidades sem instituições capazes para esta finalidade. O mesmo hábito religioso tem a sua importância. De algum modo, não se pode, sob pretexto de tornar nossa vida compreensível ao homem moderno, adaptá-la ao ponto de fazê-la perder sua especificidade. Sempre seremos os discípulos e imitadores de um Cristo morto e ressuscitado, que só chegou à ressurreição pela morte de Cruz.

A ascece, seja que nome lhe dermos, é indispensável. Afinal, se a fidelidade sem os votos é coisa mais válida que os votos sem a fidelidade, o engajamento estável é uma exigência do amor que nos chama.

11. VOILLAUME, R., **Retraite à Beni-Abbès**. Entretiens sur la vie religieuse. Coll. L'Évangile au vingtième siècle. Paris, Éd. du Cerf, 1972, 20 X 14, 288 p., 22 FF.

Este engajamento que se vive na Igreja, não pode desabrochar sem um clima de silêncio, silêncio interior primeiro, mas também silêncio exterior. É o habitat natural para o verdadeiro recolhimento em Deus para a oração. A respeito disto o autor tem um esclarecimento notável: é ao nível das condições do seu desenvolvimento que se pode sobretudo falar de oração e de ensiná-la.

Agradecemos ao Padre Voillaume pelo seu testemunho simples e sereno em favor destes valores tradicionais e fundamentais para a vida religiosa que ele tenta viver em verdade, com coração simples, sem discussões vãs, para revelá-la como profundamente atual.

2

Princípios gerais

Menos diretamente relacionado com a contestação atual, o livro (12) do Padre Bernard, dedicado à formação para a vida consagrada, reúne várias conferências feitas para religiosas que se preparavam para seus votos definitivos. São, pois, entretenimentos deliberadamente breves, esquemas acompanhados de múltiplas referências evangélicas e bíblicas, de anotações de leituras escolhidas em função de sua utilidade e de obras que se encontram

facilmente nas bibliotecas das casas religiosas. Somos convidados a meditar sucessivamente a vida espiritual, a vida religiosa, a vida de oração, aspectos essenciais da vida consagrada.

A doutrina oferecida pelo autor para reflexão é clara e sólida. Fundamentalmente tradicional, mas se abre também para problemas atuais. Encontram-se breves sugestões sobre a pobreza em nosso tempo, uma apresentação interessante sobre os problemas colocados pela castidade e a afetividade na vida espiritual, notas cheias de bom-senso sobre a partilha espiritual, as dimensões das comunidades etc. Sempre breves, estas anotações suscitam a reflexão. Não há neste breviário, nada que se refere à oração, que nos pareça próximo da secura de meras conceituações intelectualizadas.

O autor é levado evidentemente a tratar do lugar da vida religiosa em relação à vida do leigo. "Dado que todos os homens são chamados à santidade, como se pode justificar a escolha da vida religiosa como meio privilegiado de responder a este apelo universal?" A resposta é clara: Cristo veio instaurar um reino que não é deste mundo. Dois caminhos, pois, se abrem em direção da santidade. Um leva a Deus através da mediação deste mundo (o casamento, as riquezas etc.), mediações boas em si mesmas porque criadas por Deus, porém perigosas. No outro caminho se renuncia a estas mediações comuns para se sentir livre e desemcompatibilizado para encontrar Deus e fazê-lo conhecer e amar.

12. BERNARD, C. A., SJ, *Formation à la vie consacrée*. Rome, Presses de l'Université Grégorienne, 1972, 22 X 15, 326 p., 3.000 liras.

Descobre-se no livro uma apresentação muito parecida à doutrina clássica anterior ao Vaticano II. Pode-se perguntar, entretanto, se o Concílio e em **Lumen Gentium** e **Gaudium et Spes** não se encontra uma orientação para uma concepção mais equilibrada da relação, no íntimo da vida cristã, entre estas duas formas principais, a vida leiga e a vida consagrada. Se Deus chama a uma e a outra, não será porque sejam dois aspectos complementares da vida cristã, sua origem e seu poder de encarnação, devam ser vividos normalmente de maneiras distintas, conforme o acento com que Deus chama cada um a se entregar a um destes polos? Esta reserva, importante que nós a relevemos, não nos impede, entretanto, de julgar esta obra como um bom instrumento de trabalho para quem deseja no fim de sua formação religiosa, refletir sobre ela.



Em **Célibat Pour Notre Temps** (13), o Padre Raguin nos descreve em páginas de nitidez e densidade admiráveis, o carisma do celibato. Crer no amor de Cristo e responder ao seu apelo porque se descobriu que neste caso, não há possibilidade de realização pessoal, a não ser no celibato. Esta escolha não é um desprezo do matrimônio,

13. RAGUIN, Y., SJ, **Célibat pour notre temps**. Supplément à Vie chrétienne, n.º 151. Paris, Vie Chrétienne, 1972, 21 X 16, 64 p., 4 FF.

14. O'GORMAN, H. TH., SJ, **Jesuit Obedience from Life to Law**. The De-

também caminho autêntico para se chegar a Deus, nem é ingênua ignorância das dificuldades e dos perigos que se espalham nesta rota. Em páginas muito firmes e muito variadas, o autor examina também o fato de tantos abandonos e as objeções contra o celibato dos padres. Depois ele aborda o delicado problema da amizade entre pessoas consagradas. Suas reflexões são cheias de sabedoria e de austeridade. Conclui mostrando que o celibato pelo reino, plenamente aceito por adultos, e não por **grands enfants qui dansent à la lumière**, tem um lugar insubstituível em nosso mundo.

Só podemos desejar a maior difusão desta brochura, verdadeiro raio de luz sobre um assunto que tantos escritos recentes obscureceram desatinadamente.



Publicação parcial de uma tese doutoral, o livro do Padre O'Gorman (14) estuda o desenvolvimento da noção de obediência na origem da Companhia de Jesus, a noção da deliberação dos primeiros sócios com relação ao texto B das Constituições (1556), o último a ter anotações manuais de Santo Inácio. Após uma breve apresentação dos textos preliminares, os capítulos publicados dão uma sinopse dos

velopment of the Ignatian Idea of Obedience in the Jesuit Constitutions 1539-1556. Coll. Logos, 6. Manila, Ateneo University Publications (P. O. Box 4082), 1971, 23 X 16, 116 p., US\$ 2,50.

três textos a, A e B da III e VI parte das Constituições, onde se fala da obediência, seguidos de um estudo detalhado de cada um deles. Concluindo, o autor mostra na obediência do jesuíta uma obediência essencialmente voltada para um fim apostólico preciso. Daí o papel desempenhado pela experiência na redação das Constituições.

3

A vida comunitária

Nossa época estará disposta a redescobrir a dimensão comunitária da vida religiosa? A ajudar pela proliferação de ensaios a este respeito e pela multiplicação de experiências das pequenas comunidades, pode-se ficar com a impressão afirmativa. A menos que, como nota o Irmão Rueda, fale-se mais e viva-se menos, numa espécie de compensação verbal. Parece ser esta a razão pela qual o Superior Geral dos Irmãos Maristas resolveu estudar a questão numa circular a toda a Congregação: **Apologie et Démythisation de la vie commune** (15).

Ele examina o tipo de homens com os quais se constrói a vida comunitária, depois as dimensões naturais e mistéricas da vida comunitária, os fundamentos de uma comunidade dinâmica, as relações da

vida comunitária com outros elementos da vida religiosa e eclesial e, afinal, conclui, tratando das condições e do caminho para a renovação.

São páginas que sublinham bem a riqueza da vida comunitária e suas austeras condições. No lugar certo, ele indica os limites e as dificuldades e denuncia as caricaturas e as ilusões. Nesta circular poder-se-ão apreciar reflexões de profunda sabedoria, como "o silêncio é um dos fatores mais importantes para que a palavra tenha profundidade e conteúdo valorativo".

Há alguns pontos que pensamos ter ficado na penumbra, embora se faça uma breve alusão à jerarquia e à autoridade nos institutos religiosos como forma da presença de Deus: é a dimensão própria do voto de obediência. Poder-se-ia colocar melhor em foco o aspecto propriamente mistérico da obediência religiosa. É claro que "a autoridade é, por princípio, a consciência dinâmica do grupo e é também sua instância coordenadora". Esta é uma descrição boa, mas política, da obediência. Não haverá mais nada na obediência para ser objeto de nosso voto?

O interesse destas páginas, claras e sólidas, está nisto: elas condensam muita coisa sobre este assunto de atualidade e são fruto de larga experiência e de numerosas leituras. Mas aquilo que se apreciará sobretudo é que estas páginas procuram fazer da vida religiosa uma vida comunitária centrada em Cristo e depositando nele a razão de ser e sua força de irradiação.

15. RUEDA, B., **Apologie et Démythisation de la vie commune**. Paris, Apostolat des Éditions. Sherbooke, Éd. Paulines, 1972, 19 X 14, 254 p., 16,20 FF.

●

Un Coeur et une Âme en Dieu (16) se propõe ajudar aqueles e aquelas cuja profissão religiosa destinou à vida comunitária a compreendê-la em toda a sua riqueza e a vivê-la em plenitude. Eis porque o Padre Motte, depois de situar o lugar da vida comunitária na vida religiosa, abriu seu horizonte e considera o desígnio divino da comunhão, debaixo de suas três dimensões fundamentais: amor fraterno, ajuda recíproca, comunhão. Depois de um capítulo sobre o papel dos superiores, a obra faz um prognóstico sobre o futuro. Uma breve bibliografia comentada ajudará a prosseguir a reflexão suscitada por este trabalho sério, metódico e de interessantes avaliações.

●

Em **La Fraternité Chrétienne chez les Religieux et les Religieuses** (17), o Padre Mascolo nos apresenta um quadro "idílico de toda a florescente fraternidade de Jerusalém" como ideal de vida cristã e que os religiosos desde o século terceiro quiseram manter viva na Igreja. Esta vida religiosa é o encontro co-

tidiano e rotineiro do religioso com o Senhor Jesus Cristo vivo e agindo ontem, hoje e amanhã. Esta vida nos é apresentada numa linguagem e num vocabulário que querem ser contemporâneos. A finalidade é "relevar a atualidade do engajamento do religioso e da religiosa nos valores humanos da fraternidade". A promoção da fraternidade cristã torna-se o "único necessário". Estas poucas indicações são suficientes, pensamos, para demonstrar o interesse e também os limites desta brochura.

4

Espiritualidades específicas

La Règle de Saint Benoît (18) é talvez aquela que marcou mais profunda e mais universalmente a concepção monástica ocidental. Suscitou depois de um quarto de século um debate apaixonado, também dentro da própria ordem beneditina, a ponto de serem colocadas em dúvida sua autenticidade e sua mesma originalidade. A comparação com os escritos dos Padres e das regras latinas da época, umas trinta mais ou menos, e especialmente a comparação com aquela anônima

16. MOTTE, A., OP, **Un coeur et une âme en Dieu**. La communauté religieuse. Paris-Fribourg, Éd. Saint Paul, 1972, 19 X 12, 192 p., 18 FF.

17. MASCOLO, A., SC, **La fraternité chrétienne chez les religieux et les religieuses**. Coll. Vita evangelica, 5. Otta-

wa, Conférence Religieuse Canadienne, 1971, 18 X 11, 132 p.

18. **La Règle de Saint Benoît**. Édition critique par A. de Vogüé et J. Neufville. T. I-III. Coll. Sources Chrétiennes 181, 182, 183. 3 vols. Paris, Éd. du Cerf, 1972, 20 X 13, 918 et XXII-424 p., 77, 67 e 69 FF.

e chamada por esta razão **Règle du Maître** fez ressaltar um número considerável de pontos comuns: a estrutura dos escritos, das idéias, do vocabulário, das práticas monásticas etc. Como situar estes textos e sobretudo a **Règle du Maître** (RM) e a Regra de São Bento (RB) em relação às outras regras? Quem deu e quem recebeu?

Este é um dos méritos dos dois beneditinos de Pierre-qui-vire, Dom de Vogüé e Dom Neufville, o primeiro pela parte crítica e literária; o segundo, pelo restabelecimento e edição do texto. Realizaram uma pesquisa exaustiva da qual se pode esperar uma solução firme. Os volumes que apresentamos consignam aquilo que poderia chamar a pesquisa e suas peças justificativas sobretudo aquilo que diz respeito às relações entre a RM e a RB. Trata-se de um estudo estritamente técnico de comparação de textos e de idéias, apresentado conforme as normas clássicas em uso nas **Sources Chrétiennes**: primeiro, uma introdução geral, consagrada aos problemas literários e críticos; segundo, a edição do texto acompanhada da tradução e de seu comentário; e, enfim, uma série de instrumentos de trabalho, uma concordância verbal dos textos da RM e da RB, quase 200 páginas, e de numerosos quadros sinóticos de variantes de manuscritos. Estes três volumes serão de um valor incalculável para os críticos engajados nestas mesmas pesquisas.

Entre as observações mais importantes apresentadas por Dom de Vogüé, vamos assinalar uma ou outra:

1. A influência mais profunda do que se supunha até agora de Santo Agostinho na RB, influência que se traduz na RB por uma grande disposição de acolhida e de compreensão humana e social que na RM não se descobre assim em relevo.

2. Como a RM, a RB se dirige a várias comunidades e descreve um código completo de vida cenobítica e que não se encontra em nenhuma das demais regras latinas da época.

3. Contra Butler, a RB está longe de marcar uma revolução no monaquismo. A RB é sobretudo uma "convergência de muitos caracteres e dados de obras anteriores admiravelmente misturados".

4. Enfim, a dúvida não é mais possível: a RM é cronologicamente anterior à RB, eis porque esta é frequentemente inspirada na RM, mas com muita liberdade e criatividade. Nada, além da cronologia, impede, a rigor, que São Bento tenha sido o autor das duas regras. Todavia, o maior número de indícios críticos atualmente estudados nos levam nitidamente a opinar em sentido contrário.

●

O Padre Athanase Sage († 1971) consagrou o essencial de seu apostolado à formação de padres, religiosos e religiosas, especialmente aqueles e aquelas que pautam sua vida religiosa pela espiritualidade de Santo Agostinho. A obra póstuma **La Vie Religieuse selon Saint**

Augustin (19), que se teve a feliz idéia de se publicar, reúne seis conferências sobre a vida religiosa (das quais duas inéditas) e um comentário da regra de Santo Agostinho, com base nos seus escritos. O maior interesse destas páginas é que elas põem em relevo, à luz da fé, que só há uma perfeição cristã (seguir o mesmo e único Senhor Jesus), perfeição esta entregue à única Igreja, mas perfeição realizada com acentos diferentes. Cada família religiosa, cada corrente espiritual, recebeu como missão ilustrar um destes acentos, de maneira prioritária, vivendo este aspecto da insondável riqueza do Cristo. Assim, a espiritualidade agostiniana coloca em relevo o texto bíblico dos Atos dos Apóstolos 4, 32: A multidão dos crentes tinha um só coração e uma só alma. E Santo Agostinho nunca citou este texto sem acrescentar "em Deus", o que o torna todo um programa.

●

A l'Ecoute de l'Esprit (20) é uma circular enviada pelo Superior Geral dos Irmãos do Sagrado Coração a toda a sua Congregação, por ocasião do centenário de suas obras canadenses e do sesquicentenário da existência da Congregação. Depois de um breve resumo histórico, apresenta a **Règle de Vie**, promulgada em 1970, e explica como ela traduz a consagração que cada irmão votou a Cristo, embora tal regra se adapte ao momento e às circunstâncias, permanecendo fiel, contudo, ao essencial. Mostra ainda como as modificações introduzidas nas orações da Regra não querem e não podem comprometer o espírito de oração, indispensável à toda a vida religiosa. Páginas esclarecedoras e de brevidade densa e otimista.

LÉON RENWART, SJ

19. SAGE, A., **La vie religieuse selon Saint Augustin**. Paris, Vie Augustinienne, 1972, 22 X 14, 272 p.

20. **A l'écout de l'Esprit**. Circulaire n.º 4, Rome, Maison Générale des Frères du Sacré-Coeur, 1972, 21 X 14, 40 p.

DOCUMENTANDO

I

PAULO VI AO MINISTRO-GERAL DA ORDEM FRANCISCANA

Por ocasião do Capítulo Geral da Ordem dos Frades Menores Franciscanos, celebrado em Madri, Paulo VI enviou a 26 de maio/1973 uma carta em latim ao Ministro-Geral da Ordem, Frei Constantino Koser, OFM, sobre a vocação da Ordem Franciscana no contexto do mundo atual. O texto da carta, na sua tradução portuguesa, é o seguinte:

Ao dileto filho Constantino Koser, Ministro-Geral da Ordem dos Frades Menores:

Por ocasião do Capítulo Geral da Ordem dos Frades Menores Franciscanos, que vai ser celebrado em Madri, dirigimos a esta assembléia e a todos os membros da Família Franciscana a presente carta, a qual deseja ser a nossa própria voz que conforte, exorte e guie os ânimos de todos.

Esta assembléia é "como um Sínodo Geral, formado por pessoas de todas as partes do mundo que têm a mesma forma de vida" (TOMÁS DE CELANO, *Vila secunda Sancti Francisci*, n. 192, em: *Analecta Franciscana*, X, ad Claras Aquas, 1926, 941, p. 240), e, por

isso, é um acontecimento de máxima importância para a vida de um Instituto tão amplamente difundido. Desejamos, portanto, com razão, que participeis daquela "solicitude de todas as Igrejas" (2 Cor 11, 28) que nos urge.

Renovação segundo as diretrizes do Concílio

Não é nossa intenção repetir o que o II Concílio do Vaticano disse sobre a renovação da vida religiosa e que nós próprio propusemos na Exortação Apostólica *Evangelica Testificatio*, porque estamos persuadido de que aceitastes docilmente estas diretrizes, de que tendes trabalhado e de que continuais a fazê-lo para as pôr em prática.

Por isso, queremos confirmar o que dissemos aos membros do último Capítulo Geral, celebrado em Assis. É uma honra para a Igreja a propagação desta Ordem em todas as partes do mundo, como também o são os seus exemplos de vida evangélica e o seu magnânimo testemunho apostólico (cfr. A.A.S., LIX, p. 782).

Queremos, de um modo especial, examinar convosco qual é a vocação da vossa Família Religiosa nos nossos dias, com a única intenção de vos conduzir à resposta que a Igreja espera de vós. Porque ela, nestes tempos perturbados, tem o ardente desejo, procurando com solicitude realizá-lo, de que os Institutos Religiosos “cresçam e floresçam, segundo o espírito dos seus fundadores” (**Lumen Gentium**, n. 45). Que São Francisco, vosso Pai e legislador, esteja, por assim dizer, presente entre vós, em pé, à porta do vosso Capítulo, a abençoar-vos todos — como aconteceu no passado, segundo se conta —. Dirigi os vossos olhares para ele (cfr. **SÃO BOAVENTURA, Legenda maior Sancti Francisci, IV, 10**; em: **Analecta Franciscana**, p. 576).

O espírito de São Francisco

O que a Igreja Mãe pede e sempre pediu de vós pode ser resumido nesta frase: “para que sigais os seus passos (de Cristo)” (1 Pedr. 2, 21). Não é, porventura, no seguimento de Cristo que se radicam o grande ensinamento vital e o exemplo de São Francisco, que, “tendo-se despojado de toda a es-

pécie de distinção e de vaidade” (cfr. **TOMÁS DE CELANO**, obra citada, n. 144, p. 213), se dedicou inteiramente a Cristo, chegando no Monte Alverne a atingir cumes altíssimos, ao ponto de poder dizer com São Paulo: “Quanto a mim, Deus me livre de me gloriar a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo” (Gál 6, 14). Portanto, “toma todas as providências para que o trabalho seja executado segundo o modelo que te mostrei neste monte” (Êx 25, 40). A vossa vida, quanto mais pobre e obediente, tanto mais será um testemunho da salvação que Ele operou, e difundi-la-á nas almas.

Esta verdade elementar, como costuma suceder no curso dos acontecimentos, frequentemente pode ficar obnubilada de vários modos. Como muito bem sabeis por meio da história multissecular da vossa Ordem, todas as vezes que a vida franciscana se afastou deste caminho, o que devia ter sido um exemplo para todos tornou-se um detrimento (cfr. **SÃO BOAVENTURA, Opusc. XIX, Epist. 2, n. 1**, em: **Opera omnia, Ad Claras Aquas, VIII, p. 470**).

O que, porém, São Boaventura disse num plano geral, isto é, que a verdade pode enfraquecer-se com o passar do tempo, mas que é necessário que ressurja (cfr. **Commentarium in Evang. Luc. 21 n. 23**; em: **Opera omnia, ibidem, VII, p. 528**), pode facilmente ser aplicado às vossas experiências internas. Portanto, deve-se desejar ardente-

mente que este princípio, mesmo nos tempos presentes, se for necessário, exerça toda a sua força, tanto nos modos de pensar e de agir, como também nas declarações e propósitos que ides fazer ou nas leis que ides atualizar.

Fidelidade plena à Igreja

A fidelidade ao seguimento do Cristo, porém, requer necessariamente a fidelidade à Igreja. A relação existente entre ambas é tal, que uma dá a conhecer a outra. Por esta razão, São Francisco, "homem de uma integridade absoluta na fé católica", prescreveu que os seus irmãos seguissem as pegadas venerandas da santa Igreja Romana, defensora dos vínculos de paz e de caridade entre eles (cfr. TOMÁS DE CELANO, obra citada, ns. 8 e 24, pp. 135-145). Foi por isso que a vida e a obra dos franciscanos se tornaram como que as correntes de um rio que alegram a cidade de Deus (cfr. Sl 45, 5).

Basta recordar, a este respeito, as grandes empresas realizadas, a evangelização do povo, as obras sociais e **caritativas**, e o dinamismo que caracteriza o vosso Instituto. A vossa vocação primeira e primordial é o sentido e o serviço da Igreja. Esta vocação ficaria viciada e adulterada, se a considerásseis somente como coisa do passado. Por outras palavras, nos nossos dias, o obséquio que deveis prestar a Deus "que vos chama" (1 Tes 5, 24) é o de assumir aquelas tarefas e encargos que atualmente a Igreja pede de vós.

Nos nossos dias, exige-se grandeza de alma principalmente no que se refere à pregação da verdade. Por acaso não surgem aqui e ali "aqueles que pretendem perverter o Evangelho de Cristo (Gál 1,7)? Ao mesmo tempo, vai-se difundindo entre os homens com quem devemos conviver certa persuasão, segundo a qual seguir a reta fé e esforçar-se por agir honestamente não ajuda — dizem — a promover a comunhão eclesial, mas constitui um obstáculo à liberdade, que eles interpretam mal. Por isso, é necessário que tome consciência, cada Frade Menor, assim o esperamos, de que tem "por missão a defesa do Evangelho" (Flp 1, 16). Que nenhum franciscano se deixe levar pela tentação de ceder às atrações do favor popular, insidioso e vão, nem siga a tendência, hoje em moda, de se configurar com o mundo.

A propagação do Evangelho da paz

Se todos os que foram regenerados pelo batismo "têm o dever de confessar perante os homens a fé que receberam de Deus por meio da Igreja" (**Lumen Gentium**, n. 11), muito mais vós, já que São Francisco vos propôs como mandato, a cumprir comunitariamente, este dever: "Obedecei à voz do Filho de Deus... porque para isso Ele vos enviou ao mundo, para dardes testemunho da sua voz por meio da palavra e das obras" (**Epistola ad Capitulum**, em: **Opusc.**, Ad Claras Aquas. 1904, p. 100).

Arda, pois, em vós, o zelo por propagar "o Evangelho da paz"

(Ef 6, 15), o que não podereis fazer a não ser que a verdade do Evangelho permaneça em vós na sua integridade (cfr. Gál 2, 5). Certamente estais persuadidos de que este fausto anúncio não pode difundir-se “somente por palavra, mas com poder, com o Espírito Santo e com plena convicção” (1 Tess 1, 5). Por isso, tendo olhos fixos nos preclaros exemplos dos vossos antepassados, é necessário que manifesteis publicamente, com a vossa presença no mundo, a íntima relação que existe entre Cristo e a Igreja, já que é a Igreja que torna visível, aplica e continua a obra do Redentor. Haja entre vós homens que, dotados das necessárias qualidades de alma e de inteligência, e sob a direção do Espírito Santo, levem o povo, com zelo pastoral e exemplo de vida, ao seguimento de Cristo pobre.

Preferência pela doutrina das bem-aventuranças

Os homens não reclamam de vós uma condescendência ambígua com o mundo, mas que lhes apresenteis a excelência da vossa vida, para que, contemplando-a, comecem a duvidar dos seus próprios caminhos e procurem a cidade futura (cfr. Heb 1, 19 e ss.). Até hoje, os homens continuam a ter a intuição da existência, dentro de si próprios, de um absoluto que transcende a natureza; até hoje, os homens podem ser conduzidos a Deus, através do universo, reconciliado por Cristo (cfr. Heb 1, 19), de um universo que continua a falar de

Deus. São Francisco imprimiu na vossa disciplina espiritual esta nota característica, demonstrando que o mundo pode transfigurar-se até ao ponto de lhe ser possível chamar ao trabalho, graça, e à morte, irmã.

Portanto, ao anunciar o Evangelho, dai preferência à doutrina contida nas bem-aventuranças, doutrina segundo a qual a pobreza se converte em riqueza, o pranto em gozo, a humildade em exaltação (cfr. Lc 6, 20-23). Embora a debilidade humana e a maldade continuem a existir, não deixeis de afirmar e de promover o bem, para que em tudo e em todos ele ocupe o primeiro lugar, e resplandeça a esperança da vida futura, própria e peculiar dos discípulos de Cristo (cfr. 1 Tess 4, 13). Sede, portanto, no mundo os guardiães desta esperança.

Queridos Frades Menores, “falo-vos como a meus filhos: abri largamente os vossos corações” (2 Cor 6, 13). Ouvi com gosto o que a Igreja espera de vós. Cumpri com alegria os seus desejos, santificando-vos segundo a forma própria da vossa vocação e trabalhando para fortificar nas almas o reino de Cristo e para o difundir em toda a terra (cfr. **Lumen Gentium**, n. 45).

Elevando a Deus fervorosas orações para que assista propício ao vosso Capítulo Geral e este dê abundantes frutos, damos com amor, a ti, filho querido, e a todos os membros da Ordem, como testemunho da nossa paterna benevolência, a bênção apostólica.

TENSÕES E ESPERANÇAS DOS JOVENS CONTEMPORÂNEOS

No dia 12 de agosto, antes de rezar com os fiéis a prece mariana do Ângelus, Paulo VI dirigiu sua palavra aos jovens contemporâneos nos seguintes termos:

Caros jovens, seja-nos permitido dirigir-vos, especialmente a vós, neste momento, a nossa atenção afetuosa e respeitosa. Quereis ouvir algumas das nossas confidências a vosso respeito? A ninguém, aliás, é proibido ouvir o que vamos dizer. Mas vós, jovens, estais particularmente presentes. Temos assuntos e problemas sem fim para vos expor com uma linguagem apropriada à vossa presente condição. Mas vamos limitar-nos à consideração só de três pontos, de três questões que julgamos entrever nos vossos espíritos, neste momento do vosso amadurecimento humano, de harmonia com as condições morais e sociais do nosso tempo.

Primeiro: estais numa fase de reconsideração. Sentis que tendes autorização para criticar o mundo em que nascestes. Embora não vos falte, em abundância, o bem-estar que este vosso mundo vos proporciona, experimentais uma grande insatisfação. Instintivamente sois contestadores. Descobris principalmente as deficiências morais da nossa sociedade, sobretudo, o egoísmo, a hipocrisia, o pragmatismo, a corrupção, a exuberância de meios e a pobreza de fins, de ideais verda-

deiros e de razões supremas para a vida. É a fase negativa.

Segundo: desta reconsideração muitos de vós passam a uma fase positiva, que é a de recuperação. É necessário recuperar certos valores que foram abatidos pela contestação, mas que são indispensáveis para a vida: a verdade, a honestidade, o domínio de si próprio, a personalidade, a amizade, o heroísmo, o amor e outros ainda. Sabemos que alguns jovens se reúnem, com a intenção de recuperar, de modo original e autêntico, estes valores, com uma tensão de espírito que poderíamos denominar silêncio, escuta de uma palavra viva e profunda, e, depois, murmúrio de oração.

Terceiro: surge, por fim, a fase da retomada. Não se vive sem escolher; não se escolhe sem um empenho de todas as próprias forças, embora isto se verifique de um modo simples. É o que se deve escolher? É neste momento que se pode realizar a descoberta de Cristo, com todos os seus valores evangélicos superiores, aqueles pelos quais não só vale a pena viver,

mas até dar a vida: a dignidade do homem, a verdade, a fé, a unidade, a paz, o amor, a graça, e assim por diante.

É assim que vos imaginamos, caros jovens, absorvidos nestas mi-

ragens que não são enganadoras, como também todos os homens de boa vontade, conhecedores que são do vazio existente sob a torre gloriosa, mas ameaçada na estabilidade do seu equilíbrio, do nosso admirável progresso.

LIVROS NOVOS

AS EMPRESAS E O AMBIENTE, Paul R. Lawrence e Jay W. Lorsch. Tradução do original inglês **Organization and Environment, Managing Differentiation and Integration**, de Francisco M. Guimarães. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 304.

O próprio título deste livro mostra a sua originalidade ou, pelo menos, que o seu tema central difere bastante da maior parte dos estudos empresariais em voga. Em todo caso, não é tão comum focalizarem-se as empresas levando em consideração as condições externas do ambiente em que elas estão plantadas.

Os autores do livro são professores de Comportamento Empresarial na Escola de Comércio de Harvard e unem ao grande conhecimento das técnicas empresariais uma vasta experiência das ciências do comportamento. Que características devem ter as empresas para enfrentar com eficiência as diferentes condições externas, tecnológicas ou de mercado? Qual a diferença de atitude empresarial a ser tomada em empresas marcadas por um ambiente estável ou instável? O que é

e como se aplica a teoria da contingência na empresa?

Nenhum dirigente, nenhum professor, nenhum estudioso das áreas empresariais pode deixar de ler este livro que, por sinal, foi premiado como a melhor obra do ano, na área administrativa, pela Academy of Management e pelo American College of Hospital Administrators.

TECNOLOGIA EDUCACIONAL, Teorias da Instrução, João Batista de Araújo e Oliveira. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 160.

Um livro essencial para educadores, psicólogos educacionais, psicólogos industriais, treinadores de pessoal e estudantes destas diversas áreas.

Apresenta uma análise sistemática das mais recentes teorias da instrução, não apenas nas suas colocações teóricas, mas também em suas aplicações práticas, tais como o planejamento de currículos, preparação de materiais de ensino, variáveis dependentes e independentes etc.

Recentes descobertas e pesquisas, aqui analisadas, proporcionam um novo conhecimento a respeito do processo de instrução. E isso é discutido no livro sob um enfoque sistêmico, o qual permite uma análise dessas teorias em termos dos fatores relevantes para o processo instrucional.

As teorias analisadas e discutidas são as de Ausubel, de J. Bruner, de R. Gagné e de B. F. Skinner, considerados os maiores expoentes atuais na área.

SEXO E REPRESSÃO NA SOCIEDADE SELVAGEM, Bronislaw Malinowski. Tradução do original inglês **Sex and Repression in Savage Society**, de Francisco M. Guimarães. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 228.

Apesar de relativamente antigo, pois foi escrito em 1927, este livro ainda não deixou de ser revolucionário e continua sendo a obra básica sobre a psicologia do sexo e um clássico da antropologia social.

O autor foi o primeiro antropólogo a aplicar o método psicanalítico no estudo das raças primitivas e iniciou na prática toda uma geração de antropólogos ingleses, que mais tarde vieram a ser líderes da disciplina no cenário internacional.

Profundo conhecedor dos costumes, usos e civilizações destes povos com alguns dos quais conviveu prolongadamente, ele nos dá aqui uma análise

e descrição brilhantes da vida de uma típica sociedade matriarcal, comparada com a sociedade patriarcal, tal como a vivemos no Ocidente, bem como as suas concepções positivas sobre a origem da cultura.

A discussão sobre o complexo de Édipo tem grande realce nesta obra, onde Malinowski apresenta uma crítica de Freud e procura desenvolver, baseado em pesquisas de campo, uma teoria que seja capaz de melhor fundamentá-lo. Bronislaw Malinowski, autor de outros livros igualmente importantes, teve influência marcante e definitiva na moderna ciência da antropologia. Faleceu em 1942.

O CAMPELINATO BRASILEIRO, Maria Isaura Pereira de Queiroz. Uma coedição da Editora Universidade de São Paulo e da Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 244.

São ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. Fruto de séria e minuciosa pesquisa, esta obra é uma valiosa contribuição aos estudos brasileiros no seu enfoque crítico-histórico,

análoga e, de certa forma complementar da outra obra da mesma coleção: **Homem, Cultura e Sociedade no Brasil**.

A pesquisa apresenta, nos seus elementos fundamentais e característicos, a evolução do campesinato brasileiro: sua estruturação antropológica, sua evolução e posição social diante e em comparação com a cultura dos centros urbanos e do litoral brasileiros. Após uma revisão crítica das teses tradicionais elaboradas por vários estudiosos do passado, como Euclides da Cunha, Oliveira Viana e outros, cujas interpretações dos valores culturais do povo rural brasileiro nem sempre foram objetivas e acertadas, o livro passa a expor, num denso quadro de dados históricos e descritivos, o que realmente constituiu e constitui a realidade da vida e da cultura dos grupos rústicos do Brasil: sua filosofia pragmática, sua religião, seu folclore.

De leitura fácil e clara, este livro pode interessar tanto a estudiosos profissionais dos problemas brasileiros nos seus aspectos antropológicos, históricos, sociais e folclóricos, quanto a qualquer um que queira conhecer objetivamente a história da cultura e vida de nosso campesinato.

QUEM FOI JESUS DE NAZARÉ? A Cristologia em Crise, Rudolf Schnackenburg e Franz Joseph Schierse. Tradução do original alemão **Wer war Jesus von Nazareth? Christologie in der Krise**, de Cláudio Benemann. Editora Vozes, Ano 1973. Páginas 112.

Este livro é um diálogo entre dois grandes teólogos atuais, em que se procura saber quem, afinal, foi realmente Jesus. A este respeito, as respostas pré-fabricadas dos nossos tradicionais manuais, catecismos e for-

mulários de orações, parece não ajudarem mais a ninguém. As perguntas é que talvez estejam deslocadas.

Melhor seria perguntar: qual foi o objetivo real desse homem, o que realizou no seu meio, qual a realidade de Jesus para nós, hoje? Um dos personagens deste diálogo, Rudolf Schnackenburg, responde às questões, as mais fundamentais e mesmo cruéis, levantadas por seu parceiro de diálogo crítico.

Trata-se de um livro que certamente interessará a todos os que se preocupam com uma mensagem cristã e com uma linguagem teológica mais objetiva e melhor adaptada à mentalidade do homem moderno.

REVOLUÇÃO EVANGÉLICA, Max Despesse. Tradução do original francês **Révolution Évangélique**, de Edith. Edições Loyola, São Paulo. Ano 1973. Páginas 144.

Um grupo de belgas constituiu, anos atrás, uma comunidade de vida e de oração. Todavia, o viver juntos, o rezar juntos, não bastava ao seu entusiasmo. Criaram, então, uma obra comum, o Centro Comunitário Internacional, sediado hoje na Avenue des Franciscains, 8, em Bruxelas.

Sua meta: coletar dados e documentos, refletir e ponderar valores, imprimir e divulgar tudo quanto ocorra sobre o fenômeno comunitário no mundo moderno. Fruto de anos de estudos, é a coleção Comunidade Humana e a revista bimestral *Courrier Communautaire International*.

Edições Loyola publica os cinco primeiros volumes da coleção, cujo primeiro é **Revolução Evangélica**.

Um estilo diferente de livro. Depois de termos visto de perto as vicissitudes, vitórias e percalços das comunidades, refletiremos com prazer sobre a partilha de bens materiais e a partilha da vida pessoal. As novas comunidades não podem deixar de ter um mínimo de estruturas e não podem deixar de relacionar-se com o exterior — sociedade, antigas formas de viver a vida religiosa etc. Como o farão?

É importante constituir-se em Igreja paralela, mas é importante igualmente ver o paralelismo absorvido. É muito válido fotografar a sociedade de homens alienados e robôs vivos, mas até onde levar o compromisso político de transformá-la?

CIVILIZAÇÃO INDUSTRIAL E CULTURA DE MASSAS, Abraham Moles e outros. Tradução do original francês de Maria Cecília Baeta Neves. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 1974.

Variações aspectos da cultura de massa e algumas de suas consequências são estudados no contexto da civilização Industrial. Por exemplo: qual o significado da censura (independentemente de sua legitimidade); a impossibilidade de a sociologia estabelecer um código que pudesse validar o ato do censor; a atitude do intelectual diante dos programas de TV, mostrando a diferença entre arte e comunicação de massa. Outros aspectos interessantes aqui estudados: a relação entre o animador e o telespectador; o erotismo na publicidade.

CATÓLICOS, PROTESTANTES, ESPIRITAS, Cândido Procópio F. de Camargo. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 188.

Não se trata de um livro religioso. Nem tampouco apologético. Fruto de esforço coletivo, realizado nos quadros institucionais do CEBRAP, Centro Brasileiro de Pesquisas, pretende o livro mostrar, em perspectiva sociológica, a situação das principais Igrejas e religiões no Brasil. Indaga, efetivamente, sobre o que representa a vida religiosa para a sociedade brasileira. O foco da análise é constituído pela vida religiosa interpretada como ideologia e correlacionada com situações existentes de segmentos da população. Analisa, pois, detalhadamente, a problemática religiosa no Brasil, a classificação das religiões em nosso país e as perspectivas religiosas que lhe são viáveis. Em seguida, estuda em particular o Catolicismo, o Protestantismo e as diversas religiões mediúnicas, tal como se realizam ou tendem a realizar-se no país. Um livro indicado para os estudiosos de problemas sociológicos, antropológicos e históricos.

O CARISMA TERESIANO, Ildefonso Moriones, OCD. Vozes, 1973. Páginas 144. Tradução do original espanhol **Ana de Jesus y la herencia teresiana, humanismo cristiano o rigor primitivo**, pela irmã Maria do Carmo, do Convento Santa Teresa do Rio de Janeiro.

Entre os carismas com que o Espírito Santo tem enriquecido a Igreja durante seus vinte séculos de história, destacam-se os carismas concedidos aos fundadores de famílias religiosas. Reconhecendo a importância de tais carismas, o Concílio Vaticano II exorta os religiosos a tomá-los como guia indispensável no esforço de renovação e adaptação de sua vida às novas necessidades da Igreja. Esta exortação do Concílio moveu o Padre Ildefonso Moriones a oferecer ao público este trabalho que há de contribuir para o esforço coletivo de aprofundar o conhecimento do espírito e intentos dos fundadores. De interesse imediato para quantos se sentem chamados a perpetuar na Igreja o carisma teresiano, este livro será útil também para os que desejam estudar o tema dos carismas dos fundadores em geral ou de seu fundador em particular.

A experiência histórica exposta no livro, sua tese doutoral pela Pontifícia Universidade Gregoriana, 1968, embora irrepetível como tal, pode servir de base a reflexões teológicas de índole geral. Pode acontecer ainda que este processo evolutivo se tenha repetido em outros casos, e que, não obstante a diversidade de carismas, protagonistas e circunstâncias históricas, se encontrem elementos de fundo comum que, uma vez individualizados nesse estudo, facilitem a investigação de casos análogos.

Como escreve o autor: "Este livro nada pretende ensinar. Quer ser simplesmente uma pequena luz guiando a leitura de Santa Teresa e a interpretação de sua obra, e ao mesmo tempo, contribuindo para esclarecer o importante problema carisma-Instituição.

VALE A PENA SER PADRE? Pe. Pio Milpacher. Arsgráfica e Editora Ltda. Caxias, Estado do Rio de Janeiro. Ano 1974. Páginas: 256.

Pelo título pensa-se num trabalho de promoção vocacional, mas um simples relance de olhos pelo índice revela uma obra para os padres, para ajudá-los a ver como na situação atual eles podem exercer um serviço válido pelo qual valha a pena ser padre hoje. Como o autor diz na Introdução, "a obra reflete sobre problemas candentes como: leitura da realidade, atualização contínua, profissionalização, comunhão hierárquica e fraterna, celibato, fé, oração, nosso papel na sociedade moderna, renovação da paróquia, compromisso sócio-político". O livro quer ser uma pequena antologia dos problemas atuais do padre como homem e como pastor.

O Cardeal Dom Eugênio de Araújo Salles, arcebispo do Rio de Janeiro, referindo-se ao livro, falando ao seu clero, afirmou: "Tenho a informar que o manuscrito é realmente ortodoxo. A leitura do texto resulta agradável e interessante, pois é ilustrada por experiências e episódios. O livro poderá fazer um grande bem aos leitores principalmente aos Presbíteros. Assim do ponto-de-vista teológico e eclesial o manuscrito tem valor notável e merece divulgação."

Crédito—

Aceites cambiais, empréstimos e financiamentos, refinanciamentos através do PIS, FINAME, FIPEME, FIMACO, empréstimo em moeda estrangeira, avais e garantias, leasing, crédito direto ao consumidor.

Distribuição e venda—

Letras de câmbio, certificado de depósito a prazo fixo, fundos de investimentos, ações e debêntures, incentivos fiscais, títulos governamentais.

Investimentos —

Emissão e registro de títulos, administração de valores, custódia de títulos, participação acionária, underwriting, administração de fundos de investimento, operações em bolsas de valores, certificado de depósito de valores mobiliários em garantia.

**O Denasa
presta todos
os serviços
de um banco de
investimento.
E está entre os
10 grandes.**

O Banco Denasa tem uma equipe de técnicos pronta para oferecer a você a melhor solução.

Especialistas no mercado de capitais, fazem um atendimento rápido e eficiente de todos os serviços de um banco de investimento.

Na hora de escolher, pense grande. Escolha um dos 10 maiores. O Denasa, por exemplo. O do atendimento especial:

Conselho de Administração

Presidente
Juscelino Kubitschek de Oliveira
Conselheiros
Lucas Lopes
Baldomero Barbará Filho
Louis Steuerman
Luiz G. de Souza Lima
Victor Nunes Leal
Fernando Geraldo Simonsen
Mme. Lilliane V. Schneider

Diretoria Executiva

Presidente
Baldomero Barbará Neto

Vice-Presidentes

Rodrigo P. de Pádua Lopes
Rodolfo E. Antici
Carlos Alberto Mendes
Henrique Souza Lima

Diretores

Roberto Lima Neto
Lúcio Santos Pereira
Marcos Milliet
José Guilherme Padilha
Cel. Mucio Scorzelli

Diretoria Adjunta

Carlos Murilo F. dos Santos
Wladimir Rioli
Júlio Rego
Evandro F. Paiva

Banco Denasa de Investimento S.A.



Denasa — Desenvolvimento Nacional S. A.

Crédito, Financiamento e Investimentos

Denasa S. A. — Corretora de Títulos e Valores Mobiliários

Denasa Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S. A.

Denasa Leasing S. A.

Denasa Marketing e Comunicação Ltda.

Denasa Sistemas e Métodos S. A.

Denasa Imobiliária S. A.

Denasa São Paulo Corretora de Valores Mobiliários e Câmbio Ltda.

Denasa Corretora de Seguros Ltda.

Rio de Janeiro — Rua da Alfândega, 28 - Tel.: 244-5022

São Paulo — Rua da Consolação, 368 - Tels.: 256-8696 - 256-7880

Belo Horizonte — Av. Augusto de Lima, 150 - Tel.: 26-9751 e

Av. Amazonas, 311 - 7º andar - Tel.: 22-1577

Brasília — Edifício Gilberto Salomão - Setor Comercial Sul - Bloco M

Lojas 3 e 6 - Tels.: 24-8609 - 24-9609

Porto Alegre — Rua dos Andradas, 1332 - 2º andar - Tel.: 24-1140